



Instituto Politécnico de Santarém

Escola Superior de Educação

Educar para o Património: conceções de educadores de infância e de professores do 1.º ciclo do ensino básico

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II

Relatório de Estágio para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Lucas Filipe Barreiros Batista

Orientadora: Professora Doutora Maria João Cardona

2021, janeiro

Agradecimentos

Em primeiro lugar, não me podia sentir mais feliz por ter chegado ao final de mais uma etapa. Foram várias as pessoas que me acompanharam ao longo deste percurso e que tanto me ajudaram a crescer pessoal e profissionalmente.

Quero agradecer aos meus pais por me terem sempre apoiado e incentivado a chegar cada vez mais longe. Sem vocês não seria possível.

À minha orientadora, a professora doutora Maria João Cardona por toda a disponibilidade e orientação que me deu ao longo deste percurso.

À Escola Superior de Educação de Santarém por me ter recebido tão bem nestes dois últimos anos.

A todas as educadoras e professoras cooperantes que me acompanharam ao longo deste percurso e que me receberam de braços abertos.

À Melissa, Inês Resende, Inês Xavier, Carolina Estrelinha, Tânia Viveiros, Ana Nunes, Carolina Simões, Hugo Almeida e ao André Silva por toda a amizade e companheirismo. Vocês são o melhor que Aveiro me podia ter dado!

À Sara Cabral que me acompanhou e apoiou ao longo destes dois anos de mestrado. Obrigado, sem ti não teria sido o mesmo!

À Andreia Fonseca e à Joana Freitas por estarem sempre presentes, nos bons e maus momentos.

A todos, muito obrigado!

Resumo

O presente relatório, foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, e tem como objetivos dar a conhecer o trabalho desenvolvido e as aprendizagens adquiridas ao longo dos quatro estágios realizados, ao longo do Mestrado, bem como, apresentar o trabalho investigativo que surgiu desta formação.

O relatório está organizado em dois capítulos. No primeiro capítulo são apresentados os contextos de estágios (creche, jardim de infância e 1.º ciclo do ensino básico) e o trabalho desenvolvido em cada estágio. No segundo capítulo é apresentado o trabalho de pesquisa realizado sobre as conceções de educadores de infância e de professores do 1.º ciclo do ensino básico sobre a educação patrimonial. Este tema surgiu de uma reflexão feita a partir das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, o que me despertou muito interesse para perceber qual o destaque dado ao património cultural na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico.

Através desta investigação procurei conhecer a opinião de educadores e professores relativamente à relevância dada ao património cultural nas orientações curriculares do Ministério da Educação para a educação pré-escolar e para o 1.º ciclo do ensino básico. Para além disto, procurei conhecer as estratégias e as dificuldades sentidas por educadores e professores quando abordam as questões ligadas ao património cultural com as crianças. A partir deste estudo, foi possível constatar que, uma das estratégias mais utilizadas por professores e educadores para trabalharem as questões ligadas ao património são as visitas de estudo, no entanto, os elevados custos que estas implicam, acaba por ser um entrave tanto para a educação pré-escolar como para o 1.º ciclo do ensino básico. Esta pesquisa evidencia a necessidade de se refletir, a par das visitas de estudo, outras estratégias mais diversificadas para um maior aprofundamento das questões de educação para o património com as crianças.

Palavras-chave: Património Cultural; Educar para o Património; Educação Pré-escolar; 1.º Ciclo do Ensino Básico

Abstract

This report was elaborated in the ambit of the Master 's Degree in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education and aims to make known the work developed and the learning acquired over the four stages carried out during the Master's Degree, as well as presenting the investigative work that emerged from this training.

The report is organized into two chapters. The first chapter presents the contexts of internships (nursery, kindergarten and 1st Cycle of Basic Education) and the work developed in each of them. The second chapter presents the research work carried out on the conceptions of early childhood educators and teachers of the 1st cycle of basic education on heritage education. This theme emerged from a reflection made from the Curriculum Guidelines for Pre-School Education that aroused my interest to understand the emphasis given to cultural heritage in the pre-school education and in the 1st cycle of basic education.

Through this investigation I sought to know the opinion of educators and teachers regarding the relevance given to cultural heritage in the Curriculum Guidelines of the Ministry of Education for pre-school education and for the 1st cycle of basic education. In addition to this, I sought to know the strategies and difficulties experienced by educators and teachers when they address issues related to cultural heritage with children. From this study, it was found that one of the most used strategies by teachers and educators to work on issues related to heritage are study visits, however, the high costs that these entails, end up being an obstacle for pre-school education and for 1st cycle of basic education. This research highlights the need to reflect, along with the study visits, other more diversified strategies for further deepening issues for heritage education with children.

Keywords: Cultural Heritage; Education for Heritage; Pre-School Education; 1st Cycle of Basic Education

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de Quadros	vi
Índice de Tabelas	vi
Índice de Gráficos	vi
Índice de Figuras	vii
Índice de Anexos	viii
Introdução	1
Capítulo I – Percurso de aprendizagem durante as práticas de ensino supervisionado	3
1. Apresentação dos contextos de estágio	3
1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	3
1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância.....	8
1.3. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 2.º ano ..	13
1.4. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano ..	18
2. Percurso do desenvolvimento profissional	23
Capítulo II – Exercício Investigativo	26
1. Revisão de Literatura	26
1.1. O Património Cultural	26
1.2. Educar para o Património	28
2. Objetivos e metodologias de pesquisa	31
2.1. Questões orientadoras e objetivos.....	31
2.2. Opções metodológicas	32
3. Estudo prévio	34
4. Pesquisa realizada	38
4.1. Contexto e participantes no estudo.....	38
4.2. Apresentação e análise dos dados	40
5. Reflexão final do estudo.....	45
Considerações finais	48
Referências Bibliográficas	50
Legislação consultada	51
Anexos	52

Índice de Quadros

Quadro 1 – Rotina diária da sala dos 24 aos 36 meses	4
Quadro 2 – Rotina diária da sala do jardim de infância	9
Quadro 3 – Organização do tempo educativo	14
Quadro 4 – Organização do tempo educativo	19
Quadro 5 – Categorias e subcategorias da análise das entrevistas.....	33
Quadro 6 – Categorização dos entrevistados	34

Índice de Tabelas

Tabela 1 – tabela de frequências relativa aos anos de serviço das educadoras de infância	38
Tabela 2 – tabela de frequências relativa às valências onde trabalham as educadoras de infância	38
Tabela 3 – tabela de frequências relativa aos anos de serviço das professoras	39
Tabela 4 – tabela de frequências relativa aos anos de escolaridade com que trabalham as professoras	39

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Análise dos dados relativos à primeira questão.....	40
Gráfico 2 – Análise dos dados relativos à segunda questão	41
Gráfico 3 – Análise dos dados relativos à terceira questão	41
Gráfico 4 – Análise dos dados relativos à quarta questão	42
Gráfico 5 – Análise dos dados relativos à quinta questão	43
Gráfico 6 – Análise dos dados relativos à sexta questão	43
Gráfico 7 – Análise dos dados relativos à sétima questão.....	44

Índice de Figuras

Figura 1 – Exploração da massa de moldar	6
Figura 2 – Crianças brincam livremente com a massa de moldar	6
Figura 3 – Criança prova uma gelatina	7
Figura 4 – Exploração da digitinta	7
Figura 5 – Construção das capas dos livros	11
Figura 6 – Livros elaborados por cada um dos grupos	11
Figura 7 – Uma das crianças explora o livro “Conta-Quilómetros”	12
Figura 8 – Exploração em grupo do livro “Conta-Quilómetros”	12
Figura 9 – Um dos pares cola o direito que ilustrou na árvore	16
Figura 10 – Árvore dos Direitos da Criança	16
Figura 11 – Os alunos desenham a fonte.....	17
Figura 12 – Passeio por uma das ruas da vila	17
Figura 13 - Power Point construído para abordar a temática – “O som”	21
Figura 14 – Xilofone construído por um dos alunos	21
Figura 15 – Desenho elaborado por um dos alunos	22

Índice de Anexos

Anexo I – Planificação do projeto “À descoberta dos cinco sentidos”	53
Anexo II – Planificação da atividade “massa de moldar”	54
Anexo III – Planificação da atividade “Digitinta”	56
Anexo IV – Planificação do projeto “Aprender com histórias”	58
Anexo V – Planificação da atividade “Construção de livros”	59
Anexo VI – Planificação da hora do conto “Conta-quilómetros”	60
Anexo VII – Planificação do projeto “Eu e os outros”	61
Anexo VIII – Planificação da atividade “Direitos da criança”	62
Anexo IX – Planificação da saída de campo	64
Anexo X – Trabalhos de pesquisas de alguns dos alunos do 2.º ano sobre o património cultural local	65
Anexo XI – Planificação do projeto “Aprender online”	66
Anexo XII – Guião das entrevistas	67
Anexo XIII – Transcrição da entrevista feita à educadora de infância	69
Anexo XIV – Transcrição da entrevista feita à professora	73
Anexo XV – Inquéritos por questionário	79

Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito da unidade curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II, e tem como objetivos dar a conhecer o meu percurso ao longo dos estágios realizados, bem como, apresentar o meu trabalho investigativo que surgiu de uma sugestão de reflexão apresentada nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Os estágios realizados ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico decorreram em quatro contextos diferentes, o que me permitiu contactar com realidades bastante distintas e crescer enquanto profissional. O primeiro estágio decorreu em contexto de creche, na sala dos 24-36 meses, o segundo foi realizado em jardim de infância, numa sala multietária, o terceiro foi feito com uma turma de 2.º ano e o último com uma turma de 4.º ano. Todos os estágios foram realizados em instituições públicas, à exceção do estágio em creche que foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social.

Neste relatório irei também apresentar o exercício investigativo que realizei, procurando dar resposta a questões que me foram surgindo ao longo dos estágios. Como é que os/as educadores/as de infância e professores/as trabalham o património cultural? Que dificuldades encontram ao explorarem o património cultural com as crianças? Que benefícios poderá trazer a educação patrimonial para as crianças? Será que os documentos orientadores para a educação pré-escolar e para o 1.º ciclo do ensino básico dão destaque suficiente ao património cultural?

Relativamente à estrutura, este relatório encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo é apresentada a caracterização de cada um dos contextos de estágio, focando aspetos essenciais, como por exemplo, a caracterização da instituição, do ambiente educativo e do grupo. Para além disto, irei apresentar os vários projetos de intervenção que foram desenvolvidos em cada um dos estágios. No final do primeiro capítulo, apresentarei uma reflexão sobre o meu percurso de desenvolvimento profissional que ocorreu durante os estágios. No segundo capítulo é apresentado o trabalho de pesquisa realizado sobre *Educar para o Património: concepções de educadores de infância e de professores do 1.º ciclo do ensino básico*. Na primeira parte deste segundo capítulo é feita a revisão da literatura que fundamenta a temática em questão, sendo definidos os conceitos de património cultural e de educação patrimonial. De seguida, são apresentadas as questões orientadoras da pesquisa, os objetivos e as opções metodológicas, explicando a natureza do estudo e apresentando os instrumentos utilizados para a recolha e análise dos dados, assim como, a caracterização dos participantes do estudo. É importante referir que, para uma melhor compreensão do fenómeno estudado, foi elaborado um estudo prévio que serviu de base para o trabalho de pesquisa realizado. O estudo prévio consistiu na realização de entrevistas que serviram de base para

a construção de inquéritos por questionário para educadores/as e professores/as do 1.º ciclo do ensino básico, a fim de estudar o destaque dado ao património cultural na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico, assim como estratégias e dificuldades sentidas quando abordam a educação para o património. Estes questionários foram realizados com recurso ao *Google Forms* e posteriormente partilhados na plataforma Facebook em grupos privados destinados apenas a professores/as do 1.º ciclo do ensino básico e a educadores/as de infância, com o intuito de alcançar um maior número de participantes.

No final do relatório, é apresentada a análise dos dados recolhidos, refletindo as principais conclusões da pesquisa.

O relatório termina com a apresentação de algumas considerações finais, que têm como objetivo refletir sobre todo o percurso de aprendizagem realizado ao longo do mestrado, que culminou com a conclusão do trabalho investigativo realizado a partir das práticas de ensino supervisionadas.

Capítulo I – Percurso de aprendizagem durante as práticas de ensino supervisionado

1. Apresentação dos contextos de estágio

1.1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

Caracterização da instituição

O meu primeiro estágio realizou-se em contexto de Creche, numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que se localiza no concelho de Almeirim, distrito de Santarém. Iniciando funções em 1974, com a valência Lar de Idosos, esta instituição conta atualmente com seis valências: Creche, Pré-Escolar, Centro de Atividades de Tempos Livres, Lar de Idosos, Apoio Domiciliário e Centro de Convívio.

O período de funcionamento das valências creche e pré-escolar tinham início às 7h30 e encerravam às 19h30. No entanto, a entrada depois das 10h00 e a saída antes das 16h00 tinham de ser comunicadas, previamente, à educadora da sala.

Localizado numa zona privilegiada o edifício da instituição apresenta dois pisos. O primeiro encontra-se dividido em duas alas onde funciona a Creche, o Pré-Escolar, o Centro de Atividades de Tempos Livres, o Lar de Idosos e o Centro de Convívio. No segundo piso localizavam-se os quartos da Estrutura Residencial para Pessoas Idosas (ERPI). Para além disto, a instituição disponha ainda de uma cozinha, um refeitório, uma sala de reuniões, um ginásio, uma capela e um espaço exterior bastante agradável que podia ser desfrutado por todos os utentes.

Quanto ao projeto pedagógico da valência Creche, este denominava-se por “Grãozinho de amor” e tinha como objetivos favorecer o desenvolvimento individual e pessoal de cada uma das crianças e, sensibilizar as famílias e a comunidade, envolvendo-as em atividades que visassem alcançar um objetivo comum a todos.

Caracterização do ambiente educativo

O meu estágio realizou-se na sala dos 24 aos 36 meses. Tratava-se de uma sala relativamente espaçosa, no entanto, quando o grupo estava todo reunido em atividades acabava por se tornar extremamente pequena. A sala localizava-se no piso térreo da instituição e estava pintada com cores neutras, sendo que o chão e o teto eram de cor amarela. O piso era feito de borracha, o que permitia às crianças andarem livremente pelo chão sem correrem o risco de arrefecerem. A decoração da sala tinha como tema principal a vida marítima e, segundo a educadora, esta foi pensada de forma a criar um ambiente acolhedor, estimulante e apelativo.

A sala encontrava-se dividida em seis áreas, sendo estas: a área da biblioteca, a área do tapete, a área da garagem, a área da casa, a área dos jogos de mesa e a área da expressão plástica. Foi possível observar que todas estas áreas apresentavam uma grande variedade de materiais, como por exemplo: livros, legos de grandes dimensões, carros, bonecas, utensílios de cozinha, jogos de encaixe, entre muitos outros, que estavam, na sua maioria, ao alcance das crianças. Para além dos materiais existentes em cada uma das áreas, existia também dois placares para expor os trabalhos realizados pelas crianças, dois móveis para guardar jogos e outros materiais (folhas, canetas de feltro, tintas, lápis de cor, entre muitos outros) e quinze catres, devidamente identificados, que serviam de apoio à sesta. Na sala havia também uma casa de banho que possuía sete sanitas, quatro lavatórios e estava equipada com dispensadores de sabonete líquido, papel higiénico e toalhetes de mão. Em conversa com a educadora, percebi que a organização do espaço teve em conta as características e as necessidades do grupo e que ao longo do ano letivo iria sofrer alterações conforme o crescimento e a evolução das crianças.

Relativamente ao projeto educativo da educadora, este designava-se por “À descoberta com as histórias” e tinha como objetivos promover o desenvolvimento das crianças, fomentar o desenvolvimento da linguagem, despertar o desenvolvimento da criatividade e estimular a autonomia e a autoconfiança.

Quanto à organização do tempo educativo, este apresentava uma distribuição flexível, embora houvesse momentos que se repetiam com uma certa periodicidade (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016). Desta forma, o tempo educativo estava organizado da seguinte forma:

Horário	Atividades
7h30/8h30	Acolhimento
10h15	Atividades orientadas/livres
11h00	Higiene
11h30	Almoço
12h30	Higiene
13h00 às 15h00	Hora da sesta
15h30	Lanche
16h00	Higiene
16h15	Atividades orientadas/livres
17h00 às 19h30	Atividades livres/ Saída

Quadro 1 Rotina diária da sala dos 24 aos 36 meses

Caracterização do grupo

O grupo com o qual estagiei era constituído por 15 crianças (11 rapazes e 4 raparigas), com idades compreendidas entre os 21 e os 32 meses. Destas 15 crianças, 10 já tinham frequentado juntas a sala dos 12 aos 24 meses e nove já vinham juntas desde o berçário. As restantes cinco crianças integraram o grupo no início do ano letivo de 2018/2019. Destas cinco, três transitaram diretamente do berçário para a sala dos 24 aos 36 meses. Segundo a educadora, esta mudança foi necessária para que estas crianças tivessem contacto com outras com idades mais próximas. As restantes duas, nunca tinham frequentado qualquer instituição, encontrando-se até então ao cuidado dos pais.

Pelo que pude observar, o grupo demonstrava bastante interesse em estar com o outro, no entanto, e devido à sua faixa etária, ainda não se conseguiam colocar no “lugar do outro”, nem de resolverem os seus conflitos, necessitando da ajuda dos adultos da sala para os resolver. No que diz respeito à aprendizagem e à cognição, este grupo demonstrava prazer em explorar. Existia um especial interesse pelo “faz de conta”, por ouvir histórias, cantar canções simples, folhear livros, rasgar papéis e pintar com as mãos e os pés. Quanto às suas necessidades, verifiquei que existia pouca autonomia. No entanto, a educadora encorajava as crianças a fazerem as coisas por si, como por exemplo: lavarem as mãos sozinhas, descalçarem-se sozinhas na hora da sesta ou a comerem sem precisarem de ajuda.

Projeto de estágio

Segundo Tavares (2015), é desde muito cedo que as crianças começam a demonstrar interesse por experienciar situações e por desenvolver explorações que contribuam ativamente para a construção da sua identidade, bem como, para a construção das suas aprendizagens. Desta forma, à medida que vão crescendo, acabam por fazer uma grande variedade de descobertas usando todos os seus sentidos, uma vez que, é através da sua ação sobre o meio que desenvolvem as suas aprendizagens.

Devido à importância que as atividades de exploração assumem, decidi desenvolver um projeto que oferecesse às crianças aprendizagens significativas. O projeto desenvolvido intitulou-se de “À Descoberta dos cinco sentidos” e teve por base o projeto pedagógico desenvolvido pela educadora “À Descoberta com as histórias”. Defini este projeto (planificação do projeto no anexo I) de modo a promover o trabalho nas diversas áreas de conteúdo, através de atividades lúdicas que desenvolvessem várias capacidades relacionadas com os cinco sentidos. As atividades planificadas e realizadas tinham como objetivo a descoberta de novos materiais, texturas e sensações. É de destacar que todas as planificações elaboradas tiveram sempre em atenção o grupo e as suas necessidades, sendo flexíveis e adequadas a cada uma das crianças.

Durante o meu estágio foram várias as atividades desenvolvidas no âmbito deste projeto. Contudo, irei apenas referir duas delas que, a meu ver, mais se destacaram, e que de seguida apresento.

A **primeira atividade** que aqui apresento foi realizada na minha primeira semana de intervenção e consistiu na confeção de massa de moldar (planificação da atividade no anexo II). Esta atividade foi escolhida de modo a estimular as crianças a nível sensorial, nomeadamente o tato, promovendo assim a exploração e manipulação de diferentes materiais, bem como, desenvolver a motricidade fina.

Numa primeira fase, as crianças exploraram os recursos materiais (água, óleo, corante alimentar, sal e farinha) necessários para a confeção da massa de moldar. Todas elas se mostraram bastante atentas, curiosas e participativas. Numa segunda fase, com o auxílio das crianças, procedi à confeção da massa de moldar. À medida que ia juntando os ingredientes num recipiente, ia mostrando o que estava a fazer para que elas tivessem a possibilidade de ver, mexer e de cheirar o que estava a ser confeccionado. Concluída a confeção da massa de moldar, distribuí um pouco por todas as crianças para que elas pudessem explorá-la livremente. Enquanto moldavam a massa tive a oportunidade de observar que algumas das crianças partilhavam entre si os utensílios de moldar, fornecidos previamente, e acabaram por se juntar a brincar. De um modo geral, considero que esta atividade correu de forma bastante positiva, na medida em que, todas as crianças se demonstraram bastante curiosas e participativas, o que permitiu que a atividade se desenrolasse da melhor forma, permitindo que todas elas alcançassem os objetivos que defini previamente. Relativamente ao método de avaliação, tal como em todas as outras atividades realizadas, optei pela observação direta, recorrendo a registos fotográficos e escritos.



Figura 1 – Exploração da massa de moldar



Figura 2 – Crianças brincam livremente com a massa de moldar

A **segunda atividade** que destaco consistiu na exploração de gelatinas e a posterior confeção de digitinta (planificação da atividade no anexo III). Escolhi esta atividade de modo a estimular as crianças a nível sensorial, nomeadamente o paladar e o olfato, bem como desenvolver a motricidade fina através da manipulação da digitinta.

Para iniciar a atividade, pedi às crianças para se sentarem em redor da mesa. Comecei

por lhes mostrar as diferentes caixas das gelatinas e perguntei-lhes que frutos estavam representados e quais as suas cores. Depois disto, diluí as gelatinas em água e passei cada um dos recipientes para que as crianças pudessem cheirar e provar cada uma das gelatinas. O grupo demonstrou-se bastante participativo e a maioria das crianças quiseram provar e cheirar as gelatinas mais do que uma vez. Terminada a exploração das gelatinas, as crianças foram brincar livremente pelas diferentes áreas. Enquanto isso, comecei a preparar a digitinta para que mais tarde a pudessem explorar. A maioria gostou de manipular a digitinta mostrando-se envolvidos. No entanto, uma das crianças ao colocar as mãos não gostou da sensação e a sua reação foi tirá-las e pedir-me para as limpar. Apesar de lhe ter mostrado que era divertido manipular a digitinta esta não se mostrou muito interessada.

De um modo geral considero que esta atividade correu muito bem, uma vez que, as crianças mostraram-se curiosas, participativas, envolvidas e demonstraram uma grande vontade em explorar todos estes recursos. Tal como referi anteriormente, como método de avaliação optei pela observação direta, registos fotográficos e escritos.



Figura 3 – Uma das crianças prova uma gelatina



Figura 4 – Exploração da digitinta

Relativamente à **avaliação do projeto**, considero que a sua implementação foi um sucesso. Inicialmente senti algumas dificuldades quando comecei a planificar as minhas intervenções porque tinha receio de implementar atividades que não fossem desafiantes para as crianças. No entanto, fiz várias pesquisas e realizei leituras relacionadas com a temática do meu projeto e consegui superar todos os meus receios e dificuldades. Acima de tudo, quis proporcionar às crianças atividades que lhes permitissem explorar cada um dos cinco sentidos e que contribuíssem para o seu desenvolvimento. O feedback positivo dado pela educadora e toda a orientação dada contribuiu para que o meu estágio corresse da melhor forma possível. É de destacar o grupo de crianças com quem tive o privilégio de trabalhar e que tanto me ensinaram. Foi visível o seu interesse e envolvimento em todas as minhas intervenções, o que me permitiu trabalhar as várias áreas de conteúdo e alcançar os objetivos que defini. Foram seis semanas de muita brincadeira, de muito colo e muito mimo, mas principalmente de muitas aprendizagens que seguramente levarei comigo enquanto futuro educador.

1.2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

Caracterização da instituição

O meu segundo estágio realizou-se em contexto de jardim de infância numa das unidades pertencentes a um Agrupamento de Escolas sediado na cidade de Santarém. A este agrupamento pertencem várias valências, tais como, o pré-escolar, o 1.º, 2.º e 3.º ciclo do ensino básico.

A unidade na qual estagiei apresentava apenas um edifício com dois pisos destinados ao pré-escolar e ao 1.º ciclo do ensino básico. Quanto ao pessoal docente e não docente, existiam duas educadoras, seis professores, uma professora de ensino especial, duas professoras de apoio, oito assistentes operacionais e três auxiliares de apoio ao refeitório. O período de funcionamento desta instituição era das 8h30 até às 17h30, sendo que a componente letiva era das 09h00 às 12h30 e das 14h00 às 15h30. Posteriormente, existiam atividades de animação e apoio à família até às 17h15.

Tal como referi anteriormente, esta instituição apresentava apenas um edifício com dois pisos. No primeiro piso encontravam-se duas salas destinadas ao pré-escolar, duas salas de aula do 2.º e 3.º ano, casas de banho, cozinha, refeitório e salas de arrumos. No segundo piso podíamos encontrar a receção, a sala de professores, a biblioteca escolar, uma sala de multideficiência, casas de banho, uma sala de arrumos, um ginásio e salas de aula destinadas ao 1.º, 2.º, 3.º e 4.º ano. Quanto ao espaço exterior, este era composto por uma zona ampla onde existia um campo de futebol, quatro baloiços, um escorrega, dois telheiros e algumas árvores.

No que concerne ao projeto educativo, a instituição regia-se pelo projeto do agrupamento, que tinha como principais objetivos: desenvolver competências para o futuro dos alunos; promover a cooperação e o trabalho de qualidade; orientar cada aluno para o percurso educativo mais adequado; promover atividades que desenvolvessem o gosto pelas ciências, artes, literatura e desporto; educar para a promoção da saúde e prevenção de comportamentos de risco.

Caracterização do ambiente educativo

A sala de jardim de infância onde realizei o meu estágio era bastante ampla, com grandes janelas que permitiam a entrada de luz natural, acolhedora e bem organizada por áreas. Desta forma, era possível encontrar sete áreas, sendo elas: a área do tapete, onde se realizava o acolhimento e algumas atividades em grupo, como por exemplo, a hora do conto; a área dos jogos de mesa, onde as crianças brincavam com puzzles, legos e jogos de encaixe; a área da informática, onde era possível visualizar filmes, ouvir músicas e jogar jogos

educativos; a área do desenho e colagem, onde se realizavam várias atividades, como o desenho, a pintura, o recorte e a colagem; a área da garagem, onde as crianças tinham à sua disposição vários brinquedos, como pistas de automóveis, carros, legos de maiores dimensões, entre muitos outros; a área da casa, onde era possível realizar o jogo simbólico; a área da biblioteca, onde as crianças podiam estar confortavelmente sentadas nos sofás a ver os diferentes livros que estavam à sua disposição.

Para além do que foi referido anteriormente, a sala possuía ainda uma estante e dois armários de grandes dimensões onde se guardavam diversos materiais (colas, tintas, pinceis, lápis de cor, canetas de feltro, lápis de cera, cartolinas, material de desperdício) e um quadro de ardósia onde era escrito a data para que as crianças mais velhas a pudessem ver e copiar para os seus trabalhos.

Quanto à rotina diária da sala, esta regia-se pelos horários do 1.º ciclo do ensino básico (ver o quadro 2), no entanto, poderia haver alterações consoante as necessidades do grupo.

Horário	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
09h00 às 10h30	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva
10h30 às 11h00	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo	Intervalo
11h00 às 12h30	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva
12h30 às 14h00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h00 às 15h30	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva	Atividade letiva
15h30 às 16h15	---	Música	----	Música	Yoga
16h15 às 17h15	Yoga	----	----	Yoga	Música

Quadro 2 – Rotina diária da sala do Jardim de Infância

Caracterização do grupo

O grupo com o qual realizei o meu estágio era constituído por 24 crianças, 11 do género masculino e 13 do género feminino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos de idade.

Tratava-se de um grupo bastante ativo, alegre e bem-disposto. Pelo que pude observar ao longo do meu estágio, estas crianças demonstravam prazer em participar em jogos de grupo, nas atividades de carácter motor e de jogo simbólico. Para além disto, é de destacar que as atividades no domínio da música pareciam unir todo o grupo pela motivação e empenho que demonstravam ter no seu decorrer. É de referir que a maioria das crianças,

principalmente as mais velhas, manifestavam grande entusiasmo pela área da informática e gostavam de tudo o que era surpresa/novidade. No entanto, este grupo apresentava brincadeiras pouco organizadas e tinha bastantes dificuldades em permanecer atento e interessado nas atividades orientadas. Para além disto, é de destacar que algumas das crianças apresentavam dificuldades na linguagem oral, nomeadamente na articulação de algumas palavras e na pronúncia de alguns sons, e algumas revelavam comportamentos de insegurança afetiva, procurando a atenção dos adultos.

Projeto de estágio

Tal como o brincar, as histórias fazem parte da infância, o que permite às crianças fantasiarem. De acordo com Silva et al. (2016), “é através dos livros que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética” (p.66). Para além disto, Santos (2010) refere que a leitura de histórias é uma parte integrante da rotina diária do jardim de infância, uma vez que, contribui ativamente para o enriquecimento do vocabulário e consequentemente para o desenvolvimento da linguagem.

Face à importância que o contacto precoce com os livros assume no desenvolvimento das crianças, eu e a minha colega de estágio decidimos criar um projeto que refletisse isso mesmo. A partir de livros infantis, tais como “Daqui Ninguém Passa” de Isabel Minhós, “O monstro das cores” de Anna Llenas, “Conta-quilómetros” de Madalena Matoso, pretendíamos oferecer às crianças aprendizagens significativas e envolvê-las através das histórias nessas mesmas aprendizagens. “Aprender com histórias ...” (ver a planificação do projeto no anexo IV) foi o projeto que implementámos ao longo do nosso estágio, e que tinha como objetivos desenvolver a linguagem oral e despertar nas crianças o gosto pela leitura e pelos livros. A partir dos diferentes livros trabalhamos as várias áreas de conteúdo, nomeadamente a Formação Pessoal e Social, as Expressões e Comunicação e o Conhecimento do Mundo. Desta forma, conseguimos oferecer a todas as crianças da sala uma grande variedade de experiências.

Durante o estágio foram várias as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Aprender com histórias ...”, no entanto, irei apenas destacar duas delas que, a meu ver, mais atraíram as crianças. A **primeira atividade**, realizada na terceira semana de intervenção, consistiu na construção de três histórias (planificação da atividade no anexo V). Inicialmente, começámos por dividir as crianças em três grupos multietários e pedimos que, cada uma, desenhasse uma personagem ou um local. Quando terminaram todos de desenhar, juntámos todos os seus trabalhos e em grupo construímos a história tendo por base os desenhos elaborados. Uma vez que, as crianças ainda não sabiam escrever, eu e a minha colega fomos anotando as suas ideias e escrevendo-as. Depois de cada grupo ter elaborado a sua história, foi a vez de lhe dar um nome. Nesta fase, uma das crianças sugeriu que devíamos construir

as capas para os livros. Tendo por base a sugestão dada, eu e a minha colega de estágio, construímos as capas dos livros em cartolina e, com recortes de letras que retirámos de jornais e revistas, as crianças construíram os títulos dos livros. Ao longo desta atividade as crianças demonstraram-se bastante participativas, entusiasmadas e bastante felizes por estarem a construir algo que era para elas, dando, assim, um maior significado à atividade.



Figura 5 – Construção das capas dos livros



Figura 6 – Livros elaborados por cada um dos grupos

A **segunda atividade** que destaco realizou-se na quinta semana de intervenção e consistiu na exploração do livro álbum “Conta-Quilómetros” de Madalena Matoso, bem como a exploração de algumas fotografias da cidade de Santarém. Para dar início à atividade, comecei por pedir às crianças para se sentarem na área do tapete, em roda, para verem e ouvirem a história que tinha levado naquele dia. Depois de já estarem sentadas, mostrei-lhes a capa do livro e li-lhes o nome, “Conta-Quilómetros”. Questionei-as se sabiam o que era um conta-quilómetros e uma das crianças, muito apressadamente, respondeu-me: “É um aparelho que está nos carros para ver se está a andar muito rápido ou muito devagar”. Depois disto, coloquei mais algumas questões às crianças, de forma a captar a sua atenção e despertar a sua curiosidade para a exploração deste livro. Uma vez que se tratava de um livro álbum a quantidade de texto era praticamente inexistente, mas, com a minha ajuda, as crianças foram construindo em grande grupo uma história. Já no final da história, surge a ilustração de um rio. Ao ver isto, uma das crianças perguntou-me como se chamava aquele rio. Ao ouvir isto, uma das crianças responde e diz ao colega “O rio pode chamar-se rio Tejo!”. Ao ouvir isto perguntei-lhe onde é que eu podia ir ver o rio Tejo e muito apressadamente ele respondeu-me que podia ir às Portas do Sol e que na muralha eu conseguia ver o rio lá em baixo. Como, aquando da exploração do livro, algumas das crianças tinham feito referências à cidade de Santarém e a algum do seu património cultural, decidi mostrar no computador algumas fotografias alusivas ao património cultural da cidade de Santarém e questioná-las sobre esses mesmos locais (se já conheciam, com quem tinham ido, entre outras questões). A maioria do grupo mostrou-se bastante participativa e revelaram conhecer algumas manifestações do património cultural e descreveram alguns dos seus aspetos físicos.



Figura 7 – Uma das crianças explora o livro “Conta-quilómetros”



Figura 8 – Exploração em grande grupo do livro “Conta-quilómetros”

Relativamente à **avaliação do projeto**, considero que a sua implementação foi bastante positiva. De início senti algumas dificuldades em gerir o grupo, uma vez que, este era bastante numeroso e muito agitado. Contudo, com o passar das semanas e, à medida que fui conhecendo cada uma das crianças, fui ganhando mais confiança em mim e no meu trabalho, o que contribuiu de forma positiva para melhorar a minha relação com o grupo. Quanto às planificações, tal como no meu estágio em creche, estas tiveram sempre em conta o grupo de crianças com quem estava a trabalhar e as suas especificidades. Por vezes, foi difícil de planificar atividades que conseguissem “agarrar” o grupo, visto que, havia momentos, principalmente nas atividades orientadas, em que este se mostrava desinteressado, disperso e muito agitado. No entanto, as orientações dadas pela educadora e pela orientadora de estágio contribuíram ativamente para que pudesse melhorar de intervenção para intervenção.

1.3. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 2.º ano

Caracterização da instituição

O meu terceiro estágio realizou-se numa instituição pertencente a um Agrupamento de Escolas sediado na cidade de Santarém, que abrangia uma vasta área geográfica que ia desde o centro da cidade até às várias zonas rurais que integravam o concelho.

Relativamente ao Projeto Educativo, a instituição regia-se através do projeto do Agrupamento, que tinha como principais objetivos desenvolver o gosto pelas ciências, artes e literatura; educar para a saúde e para a prevenção de comportamentos de risco; formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa.

Quando iniciei o estágio, a escola encontrava-se em obras, pelo que não tive acesso ao edifício, como tal não me é possível fazer uma caracterização detalhada do mesmo. Uma vez que a escola se encontrava em obras, as aulas eram dadas em contentores. Quanto ao espaço exterior da escola, este era bastante grande e amplo. Havia algumas árvores, uma caixa de areia, um escorrega, um balancé e uma zona coberta, não muito grande, mas onde as crianças podiam brincar, mesmo quando estava a chover. Relativamente ao pessoal docente e não docente, este era composto por quatro professores titulares de turma, um de cada ano de escolaridade, uma professora de apoio, uma professora de educação especial e três auxiliares de ação educativa.

Caracterização do ambiente educativo

Tal como referi anteriormente, a escola encontrava-se em obras e, como tal, as aulas eram dadas em contentores que não tinham muitas condições. Estes eram pequenos e tinham quatro janelas grandes que permitiam a entrada de luz natural. Dentro da sala havia um quadro branco grande e dois armários onde estavam guardados materiais (dossiês dos alunos, réguas, folhas brancas, cartolinas, colas, um projetor, colunas). Havia também duas estantes onde estavam guardados os manuais e os cadernos de atividades de cada um dos alunos. Para além disto, era também possível observar vários trabalhos realizados pelos alunos que decoravam as paredes da sala.

Relativamente à disposição das mesas dos alunos estas estavam dispostas em forma paralela. A maior parte dos alunos que tinham mais dificuldades estavam sentados logo nas mesas da frente, para que a professora conseguisse orientá-los no decorrer das aulas. Ao longo do estágio a disposição das mesas foi sofrendo algumas alterações porque, quando havia alunos mais conversadores a professora mudava as mesas de forma a colocar esses

alunos sentados sozinho para não perturbarem.

Quanto à organização do tempo educativo este estava distribuído da seguinte forma:

Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h às 10h30	Matemática	Português	Matemática	Matemática	Português
10h30 às 11h	Intervalo	Intervalo	intervalo	Intervalo	Intervalo
11h às 12h30	Estudo do Meio	Matemática	Oferta Complementar	Português	Matemática
12h30 às 14h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
14h às 15h30	Português	Expressão Físico-motora	Português	Expressões Artísticas	Estudo do Meio

Quadro 3 – Organização do tempo educativo

Caracterização do grupo

A turma do 2.º ano era inicialmente constituída por 20 alunos, 13 rapazes e 7 raparigas, com idades compreendidas entre os seis e os sete anos de idade. No entanto, no início do segundo período integrou na turma mais um aluno, de origem indiana, com sete anos de idade. Este aluno já tinha concluído o 1.º ano de escolaridade na Índia e não falava português. Para comunicar com ele tinha de utilizar a língua inglesa e, por vezes, este não percebia porque também não dominava o inglês. No entanto, com alguma persistência e, utilizando gestos enquanto falava, conseguia que ele me entendesse.

Na primeira semana de estágio, em que estive a observar a turma, percebi que a maioria tinha bastantes dificuldades na leitura, na escrita, na interpretação de textos e na resolução de problemas. Em conversa com a professora percebi que o seu principal objetivo era que todos os alunos lessem e escrevessem corretamente. No entanto, não estava a ser uma tarefa nada fácil, uma vez que, muitos dos alunos não liam em casa com os pais e que o tempo que tinham na escola para praticar a leitura e a escrita não era suficiente. Era preciso que as famílias se envolvessem neste processo e que estimulassem os seus educandos para que eles conseguissem ultrapassar as suas dificuldades.

A turma apresentava muitas dificuldades a Português e havia sete alunos que estavam a consolidar conteúdos do 1.º ano de escolaridade, como tal, frequentavam o ninho de Português. O ninho é o nome dado pelo Agrupamento de Escolas para os apoios de Português para o 1.º e 2.º ano de escolaridade e que é dado por uma outra professora na hora em que os outros alunos estão a ter Português com a professora titular de turma. Apesar das dificuldades encontradas, a turma era bastante curiosa, interessada, participativa e

empenhada. Qualquer que fosse a atividade proposta mostravam-se bastante interessados e manifestavam um grande desejo em participar e em partilhar as suas ideias.

Projeto de estágio

Segundo Oliveira-Formosinho (2013), a “observação e a escuta são importantes para que se conheça as crianças em contexto educativo, os seus interesses, as suas motivações, o conhecimento que estas detêm, os seus desejos, numa procura de ética de reciprocidade” (p.43). Partindo das observações que fomos fazendo ao longo das duas primeiras semanas de estágio, eu e a minha colega decidimos criar um projeto que tivesse em conta os interesses, os gostos, as características, semelhanças e diferenças de cada uma das crianças, ou seja, aquilo que as aproximava umas das outras e também aquilo que as afastava. É neste contexto que surge o projeto “Eu e os Outros” (planificação do projeto no anexo VII) que tinha como objetivos promover o desenvolvimento da consciência do eu e do outro, fomentar a aceitação das características pessoais e da identidade social e cultural de cada uma das crianças e introduzir temas que permitissem às crianças (re)conhecer a diversidade social. A implementação deste projeto, permitiu trabalhar diversas áreas disciplinares, nomeadamente a Matemática, o Português, o Estudo do Meio, as Expressões Artísticas e a Cidadania e Desenvolvimento.

Durante o estágio foram várias as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Eu e os Outros”, no entanto, irei apenas destacar duas delas que a meu ver mais envolveram as crianças. A **primeira atividade** (planificação no anexo VIII) que destaco foi implementada na minha primeira semana de intervenção individual e consistiu na leitura e exploração do livro “Direitos da Criança” de Maria João Carvalho.

Para dar início à atividade, comecei por explorar com os alunos a capa do livro, colocando questões como: “ O que é que as crianças estão a fazer?” ; “As crianças parecem-se todas iguais?”; “ Porque é que elas estão de mãos dadas?”. Ao colocar estas perguntas pretendia despertar a sua curiosidade e interesse para a leitura da história. Depois de ouvir atentamente as suas respostas, dei início à leitura do livro. A leitura foi feita em voz alta e com boa entoação, sempre com o livro voltado para as crianças para que conseguissem ver as ilustrações. Quando terminei a leitura, escrevi no quadro “Direitos da Criança” e perguntei-lhes quais os direitos que estavam retratados no livro. À medida que iam respondendo, ia registando as suas resposta no quadro. A exploração do livro que foi feita no final da leitura da história foi bastante interessante porque permitiu abordar muitos temas, como por exemplo a exploração infantil. Terminada a conversa sobre o livro, organizei pares de trabalho e, distribui por cada um deles, um dos Direitos da Criança que estavam retratados na história, para que, a pares, o ilustrassem. Cada par deveria conversar entre si sobre o direito que lhe tinha calhado e decidir, em conjunto, o que queriam desenhar. Foi interessante ver cada

elemento a delegar tarefas, como exemplo, “Eu desenho e tu pintas, pode ser?” ou “Eu desenho o menino e tu desenhavas a menina”. A atividade decorreu com grande naturalidade e os elementos de cada par mostraram respeitar a opinião do outro. No final, quando terminaram as suas ilustrações, cada par leu à turma o direito que tinha e colou-o na *Árvore dos Direitos da Criança*.



Figura 9 – Um dos pares cola o direito que ilustrou na árvore



Figura 10 – *Árvore dos Direitos da Criança*

A **segunda atividade** (planificação da atividade no anexo IX) que destaco, consistiu num passeio por alguns locais da vila onde estava localizada a escola. Uma vez que, o meio que rodeia a criança influencia positiva ou negativamente a identidade individual, social e cultural, achei importante levá-las a conhecer alguns dos locais existentes no meio onde vivem, como por exemplo, os correios, a Junta de Freguesia, o antigo mercado, entre muitos outros locais. No entanto, antes da visita que se realizou no início do segundo período decidi pedir aos alunos que fizessem durante as férias uma pesquisa com os seus familiares sobre um local, ou uma tradição da vila onde viviam (ver anexo X). Todas as crianças fizeram o trabalho de pesquisa e, no dia antes da visita, partilharam com a turma algumas curiosidades sobre a vila. No dia da visita a turma estava bastante entusiasmada. Enquanto íamos passeando, as pessoas, principalmente as mais idosas, que iam passando por nós, paravam para nos cumprimentar e para falarem um pouco com os alunos. Visto que se tratava de um meio pequeno, praticamente todas as pessoas se conheciam e foi interessante ver as interações entre os mais novos e os mais velhos. No final da visita sentámo-nos junto de uma fonte para observá-la e para ouvir o som da água a cair. Durante esse momento as crianças aproveitaram para desenhá-la, bem como ao azulejo que existia junto da mesma.



Figura 11 – Os alunos desenham a fonte



Figura 12 – Passeio por uma das ruas da vila

Quanto à **avaliação do projeto**, e de forma a compreender a eficácia do mesmo, recorri a várias metodologias de avaliação, como por exemplo, fichas de trabalho feitas pelos alunos, trabalhos a pares, momentos de partilha e grelhas de observação. Desta forma, consegui averiguar se os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos, quer ao nível do projeto, quer ao nível das aprendizagens associadas ao presente ano de escolaridade.

As planificações que elaborei foram ao encontro dos conteúdos a abordar em cada área disciplinar e, sempre que possível, procurei trabalhar as diversas áreas disciplinares de forma transversal, para que as aprendizagens fossem mais completas. No decorrer da implementação do projeto foi possível verificar uma melhoria no comportamento dos alunos relativamente ao respeito pelo outro. Alguns alunos que apresentavam menos autoestima, no final do estágio já participavam de forma autónoma e com mais confiança.

1.4. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 4.º ano

Caracterização da instituição

O meu quarto estágio realizou-se numa instituição que pertencia a um Agrupamento de Escolas sediado na cidade de Santarém. Este era um Agrupamento que abrangia uma vasta área geográfica que ia desde os bairros mais periféricos até às várias zonas rurais que integram o concelho. Desta forma, a população do Agrupamento apresentava características bastante distintas, uma vez que, integrava indivíduos do meio rural e do meio urbano com qualificações bastantes diferentes.

Relativamente ao Projeto Educativo, a instituição regia-se pelo projeto do Agrupamento que tinha como principais objetivos desenvolver o gosto pelas ciências, artes e literatura; educar para a saúde e para a prevenção de comportamentos de risco; formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa. Para além disto, o Projeto Educativo referia também que a escola devia ser pensada como um espaço onde todos têm lugar, através de um percurso de crescimento e de aprendizagem sequencial, fundamental e articulado. Assim, definem como principais valores o empreendedorismo, a exigência, a qualidade, a equidade, o espírito de equipa, a partilha e a cooperação.

Quando iniciei o estágio, Portugal enfrentava uma pandemia e, como tal, o Governo decretou a 16 de março de 2020 que todas as escolas do ensino público e privado encerrassem e que o ensino presencial fosse substituído pelo ensino a distância. Devido a estas medidas, não me foi possível conhecer a escola e, desta forma, não irei conseguir fazer uma descrição mais detalhada da instituição onde tive a oportunidade de estagiar.

Caracterização do ambiente educativo

Devido à situação pandémica que Portugal enfrentou, o ensino presencial foi substituído pelo ensino a distância. Desta forma, os alunos passaram a ter as aulas a partir das suas casas através da plataforma Microsoft Teams. Face a esta situação tão atípica, não me é possível fazer uma descrição do ambiente educativo. No entanto, apesar de estarem em casa, os alunos tinham aulas todos os dias, de segunda a sexta, das 9h30 às 15h, com uma pausa de 30 minutos, às 10h30, e outra pausa, das 12h às 14h, para almoçarem e descansarem. As aulas estavam divididas em sessões síncronas em que a professora aproveitava para lecionar os conteúdos programáticos e, em sessões assíncronas, em que os alunos estavam sozinhos a realizar tarefas de forma autónoma que tinham sido pedidas pela professora durante as sessões síncronas. Vejamos na tabela abaixo, de forma mais

detalhada, como estava dividido o tempo educativo:

Horário	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h30 às 10h	Sessão síncrona de Matemática	Sessão síncrona de Português	Sessão síncrona de Português	Sessão síncrona de Português	Sessão síncrona de Português
10h às 10h30	Sessão assíncrona de Matemática	Sessão assíncrona de Português	Sessão assíncrona de Português	Sessão assíncrona de Português	Sessão assíncrona de Português
11h às 11h30	Sessão síncrona de Português	Sessão síncrona de Matemática	Sessão síncrona de Matemática	Sessão síncrona de Expressões	Sessão síncrona de Matemática
11h30 às 12h	Sessão assíncrona de Português	Sessão assíncrona de Matemática	Sessão assíncrona de Matemática	Sessão assíncrona de Expressões	Sessão assíncrona de Matemática
14h às 14h30	Sessão síncrona de Estudo do Meio	Sessão síncrona de Estudo do Meio	Sessão síncrona de Estudo do Meio	Sessão síncrona de Matemática	Sessão síncrona de Inglês
14h30 às 15h	Sessão assíncrona de Estudo do Meio	Sessão assíncrona de Estudo do Meio	Sessão assíncrona de Estudo do Meio	Sessão assíncrona de Matemática	Sessão assíncrona de Inglês

Quadro 4 – Organização do tempo educativo

Caracterização do grupo

A turma de 4.º ano com a qual tive a oportunidade de estagiar, era constituída por 16 alunos (6 rapazes e 10 raparigas). Apesar de não ter tido a oportunidade de conhecer estes alunos fisicamente, através da primeira reunião que tive com a professora cooperante, e as duas semanas em que estive a observar as sessões síncronas, foi-me possível conhecer um pouco cada um dos alunos e perceber quais as áreas curriculares que gostavam mais e aquelas em que tinham mais dificuldades. Na área curricular de Português pude constatar que a maioria dos alunos lê com fluência e de forma autónoma, reconhecem as classes e as subclasses dos nomes e adjetivos, identificam advérbios e preposições e conseguem conjugar verbos no presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro do modo indicativo. No entanto, existiam ainda alguns alunos que demonstravam algumas dificuldades na leitura e na escrita. Já na área disciplinar de Matemática alguns dos alunos revelavam algumas dificuldades no domínio da geometria e medida, mais precisamente nas conversões entre as unidades de volume do sistema métrico e nas conversões entre as medidas de capacidade. Para além disto, existiam ainda alguns alunos que tinham dificuldades na escrita de números decimais por extenso, por classes e por ordens. Face às dificuldades existentes, quatro dos alunos frequentavam o ninho de Matemática. O ninho é o nome dado pelo Agrupamento de Escolas aos apoios de Português e de Matemática que se destinavam aos alunos do 1.º ciclo com mais dificuldades na aprendizagem e que era dado por uma outra professora na hora em que os outros alunos estavam a ter, neste caso Matemática, com a professora titular de turma. Nas áreas disciplinares de Estudo do Meio e das Expressões Artísticas os alunos mostravam-se bastante participativos e interessados. Embora as aulas decorressem online, através da plataforma da Microsoft Teams, é de destacar que os alunos foram sempre trabalhadores, participativos, empenhados, assíduos e pontuais, por vezes já estavam na “reunião” 10 minutos antes da hora marcada.

Projeto de Estágio

Nas duas primeiras semanas de estágio, eu e a minha colega, tivemos a oportunidade de observar a professora e os alunos no decorrer das sessões síncronas. Algo que nos chamou logo à atenção foi a distância física que existia e que por vezes dificultava a transmissão dos conteúdos programáticos, uma vez que, havia alunos que tinham dificuldades em aceder à plataforma Microsoft Teams, ou tinham dificuldades em acompanhar o que estava a ser explicado, por não haver um suporte que lhes permitisse visualizar o que estava a ser explicado. Embora a professora usasse a escola virtual e mostrasse alguns vídeos ou fizesse alguns jogos interativos com os alunos, achámos que também poderíamos dar o nosso contributo criando outro tipo de recursos, como apresentações em power point,

ou utilizando outro tipo de recursos disponíveis na internet como por exemplo, o Kahoot. Face a isto, decidimos criar um projeto que permitisse diminuir um pouco a distância física e que, ao mesmo tempo, ajudasse os alunos a envolverem-se nas aprendizagens. É neste contexto que surge o projeto “Aprender online” (planificação do projeto no anexo XI) que foi implementado ao longo de três semanas de intervenção. Este tinha como objetivos oferecer aos alunos recursos didáticos que lhes permitissem sentir-se mais apoiados e mais motivados para a aprendizagem dos vários conteúdos programáticos, desenvolver competências na área das TIC e promover a equidade no acesso a fontes de conhecimento.

Durante o estágio foram várias as atividades implementadas no âmbito do projeto “Aprender online”, no entanto, irei apenas destacar duas delas que a meu ver mais promoveram o envolvimento dos alunos. A **primeira atividade** que destaco, realizou-se numa das sessões síncronas de Estudo do Meio em que foi abordada a temática “O som”. Para dar início à aula, comecei por perguntar aos alunos o que era para eles o som. Quando coloquei a questão os alunos ficaram bastante pensativos, mas passado pouco tempo começaram a dar respostas como:” o som é um barulho”; “há som quando tocamos um instrumento”. Depois de ouvir atentamente as respostas dos alunos, partilhei um power point, que construí previamente, e que tinha imagens de diferentes fontes sonoras. Os alunos tiveram a oportunidade de ouvir o som produzido por cada umas das imagens e, no final, foi lhes pedido que identificassem quais eram os sons agradáveis e quais os desagradáveis. Depois disto, e como havia imagens de diferentes tipos de instrumentos musicais, alguns dos alunos quiseram mostrar os seus e tocar um pouco para a turma. Quando terminou este momento de partilha sugeri aos alunos que durante a sessão assíncrona construíssem um instrumento musical feito a partir de materiais recicláveis e que depois fizessem um pequeno vídeo a tocá-lo.

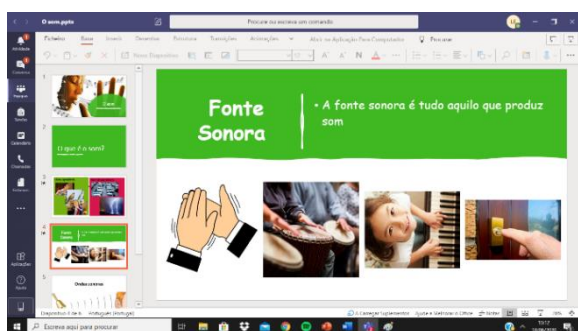


Figura 13 – Power Point construído para a abordar a temática – “O som”



Figura 14 – Xilofone construído por um dos alunos

A **segunda atividade** que destaco, realizou-se numa das sessões síncronas de Expressões Artísticas e consistiu na elaboração de um desenho orientado. Para dar início à atividade pedi para os alunos arranjarem uma folha branca, um lápis de carvão, uma borracha, lápis de cor e canetas de feltro. Já com todos os materiais junto deles, comecei por dizer aos alunos o que deveriam desenhar nas suas folhas, ou seja, “desenhem um sol no canto

superior direito da folha”; “agora desenhem duas nuvens muito grandes e fofas”; “Ok, já terminaram? Agora desenhem no canto inferior esquerdo uma casa com duas janelas quadradas e uma janela circular”. Depois de terem terminado de desenhar sugeri aos alunos que contornassem, com as canetas de feltro, o que tinham acabado de desenhar com o lápis de carvão. Quando o terminaram de fazer, pedi a cada um deles para mostrar aos restantes alunos como é que tinha ficado o desenho. Foi bastante interessante de ver cada um dos trabalhos, uma vez que, embora todos tivessem desenhado o mesmo, cada um deles acabou por desenhar de forma diferente. No final da sessão síncrona pedi aos alunos que pintassem o desenho e que depois tirassem uma fotografia e partilhassem na plataforma da Microsoft Teams.



Figura 15 – Desenho elaborado por um dos alunos

No que diz respeito à **avaliação** do projeto, posso afirmar que a sua implementação revelou-se uma experiência bastante interessante e que me deu a oportunidade de experienciar uma nova modalidade de ensino – o ensino a distância. Inicialmente senti algum receio porque nunca tinha vivenciado nos outros estágios algo deste género, no entanto, os feedbacks dados pela professora cooperante permitiram-me melhorar de intervenção para intervenção e deram-me bastante confiança para continuar a fazer um bom trabalho. É de destacar que este resultado tão positivo também se deveu muito a toda a turma com quem tive o privilégio de trabalhar e que sempre se mostrou participativa, empenhada e cooperante. Ao longo dos oito dias em que estive a intervir realizámos várias atividades nas diversas áreas curriculares. Lemos e interpretámos textos, fizemos exercícios de gramática, aprendemos a calcular o volume do cubo e do paralelepípedo, falámos sobre o som, a indústria, o comércio, os serviços e a qualidade do ambiente. Sem dúvida que o grande desafio foi planificar e colocar em prática todas estas atividades através da modalidade de ensino a distância, uma vez que, era necessário quebrar com a distância física que existia. Contudo, os conhecimentos que possuo na área das TIC revelaram-se uma mais valia para levar até aos alunos recursos e atividades desafiantes que lhes permitissem alcançar os objetivos do projeto, bem como alcançar as aprendizagens respeitantes ao presente ano de escolaridade.

2. Percurso do desenvolvimento profissional

De uma forma reflexiva, falando um pouco sobre o meu percurso enquanto futuro educador e professor, ao longo da licenciatura em Educação Básica e do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico foram várias as aprendizagens que fui conseguindo alcançar ao longo de cinco anos de muito trabalho e de muita dedicação.

Os conhecimentos transmitidos por todos os docentes das diversas unidades curriculares foram, sem dúvida, uma mais valia para o meu crescimento pessoal e profissional. Para além disto, os estágios que fui realizando ao longo do mestrado permitiram-me colocar em prática muita da teoria que fui aprendendo ao longo do meu percurso académico e deram-me a oportunidade de aprofundar todos os meus conhecimentos, bem como adquirir muitos outros que só a prática nos trazem.

Lembro-me que quando iniciei o meu primeiro estágio em creche estava um pouco receoso porque nunca tinha trabalho com crianças de uma faixa etária tão nova. Para além disto, o facto de ser homem num “universo” feminino também me deixou um pouco apreensivo, uma vez que, não é muito habitual haver homens a trabalhar como educadores de infância. Apesar de estarmos no século XXI e da mentalidade das pessoas ser mais “aberta”, ainda existe um certo preconceito de que há certas profissões que são só para homens e outras que são só para mulheres. No entanto, apesar de ter estes receios no início, posso afirmar que desde logo fui recebido de braços abertos por toda a instituição. De facto, e apesar de já terem passado quase dois anos, o primeiro estágio nunca se esquece! Tenho muito a agradecer à educadora e a todas as crianças que me acompanharam durante esta fase e que tanto me ensinaram. Quando comecei a planificar as atividades para o projeto que ia implementar senti algum receio de que não fossem muito adequadas à faixa etária ou que não fossem suficientemente desafiadoras. No entanto, as leituras e as pesquisas que fui fazendo, bem como as orientações dadas pela educadora revelaram-se uma mais valia para ultrapassar estas dificuldades. Claro que a ligação que fui criando com o grupo também foi bastante importante porque comecei a perceber que tipo de atividades é que lhes chamavam mais à atenção. Ao longo de todo o estágio em creche, bem como no estágio em jardim de infância, é de destacar que todas as planificações que elaborei tiveram sempre em atenção o grupo e as suas necessidades, sendo, por isso, flexíveis e adequadas a cada uma das crianças.

Relativamente ao estágio em jardim de infância, tal como aconteceu no estágio em creche, fui sempre bem recebido pela educadora e por todas as crianças. No entanto, este estágio revelou-se bastante desafiador, uma vez que, o grupo era bastante numeroso, agitado, apresentava brincadeiras bastante desorganizadas e revelavam pouco interesse pelas atividades orientadas. Houve dias em que me senti um pouco desmotivado porque as coisas nem sempre corriam como tinha idealizado. Por exemplo, planificava uma atividade

que achava que o grupo ia gostar bastante mas, quando a implementava, acabavam por não aderir tanto como tinha idealizado. Isto ensinou-me que devemos estar sempre preparados para tudo e que quando algo não resulta tão bem como tínhamos imaginado é necessário ter uma “carta na manga” para agarrar o grupo. Sem dúvida que foi um estágio bastante desafiador, mas que no final acabou por compensar porque me deu a possibilidade de adquirir bastantes conhecimentos e competências. De facto, tanto o estágio que realizei na creche, como o que realizei no jardim de infância, ensinaram-me que a educação de infância é uma profissão de amor. Não basta saber só a teoria, até porque a meu ver não existem “receitas” para educar. Penso que se de facto gostarmos daquilo que fazemos e tivermos presentes valores como a amizade, o amor, a solidariedade, o respeito e a cooperação temos tudo o que precisamos para educar crianças felizes capazes de construir um mundo melhor.

Quanto ao estágio que realizei com uma turma do 2.º ano de escolaridade também se revelou uma experiência bastante positiva e que me deu a possibilidade de, mais uma vez, adquirir novos conhecimentos. Tal como aconteceu nos estágios anteriores, tive a liberdade de planificar as minhas atividades ao longo das minhas semanas de intervenção. Desde o início do estágio que tive acesso aos manuais, aos cadernos de exercícios, fichas de trabalho e até mesmo à escola virtual. O facto de ter à minha disposição diversos recursos educativos ensinou-me que é necessário saber fazer uma seleção de materiais e fazer uma gestão adequada dos mesmos. Para além disto, este estágio deu-me a possibilidade de integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o que acabou por mostrar que o uso do computador, da internet e de aplicações como o Kahoot na sala de aula são, de facto, ferramentas bastante uteis e que acabam por envolver os alunos nas aprendizagens.

No que diz respeito ao meu último estágio, realizado com uma turma do 4.º ano de escolaridade foi sem dúvida o mais desafiante. Tal como referi em páginas anteriores, a pandemia do COVID-19 que afetou Portugal obrigou a que escolas encerrassem e que o ensino presencial fosse substituído pelo ensino a distância. De acordo com Rurato & Gouveia (2004), o ensino a distância “é definido como qualquer forma de estudo que não esteja imediata e continuamente dependente da supervisão de orientadores, mas que, no entanto, beneficie do planeamento, orientação e instrução de um estabelecimento de ensino” (p.85). Desta forma, a planificação de atividades revelou-se bastante desafiante, visto que era necessário preparar as sessões síncronas, as sessões assíncronas e fazer com que ambas estivessem relacionadas. No entanto, as duas semanas em que estive a observar a professora cooperante, permitiram-me perceber como poderia preparar ambas as sessões. A construção de Power Point, o uso de vídeos e de outros tipos de recursos existentes na Escola Virtual revelaram-se uma mais valia no decorrer das sessões síncronas, uma vez que, permitiram aos alunos envolverem-se nas aprendizagens, o acabou por se refletir na vontade que tinham em participar quando lhes era colocada alguma questão. De início, quando comecei este estágio pensei que ia ser bastante difícil criar uma relação com os alunos e ficá-los a conhecer

melhor. No entanto, quando comecei a minha semana de intervenção, comecei por fazer a chamada e por desejar um bom dia a cada um dos alunos. Esta estratégia revelou-se bastante importante porque me deu a possibilidade de ficar a conhecer o nome de cada um dos alunos e permitiu-me também reconhecer os seus nomes pela voz, isto porque havia alturas em que, quando estávamos em videochamada, nem sempre apareciam todos no ecrã do meu computador, ou até mesmo quando partilhava a tela deixava-os de ver. Estes momentos de interação permitiram-me criar laços com os alunos e fizeram com que, de dia para dia, se sentissem mais à vontade para participarem e para falarem comigo. A possibilidade que a Escola Superior de Educação de Santarém nos deu em realizarmos o nosso estágio com a metodologia de ensino a distância foi, sem dúvida, uma mais valia para o meu percurso enquanto futuro educador e professor porque me deu a oportunidade de me preparar para uma realidade que desconhecia e que, muito provavelmente, se poderá repetir no futuro.

Para terminar a minha reflexão sobre o meu percurso de desenvolvimento profissional penso que é também fundamental falar um pouco sobre a avaliação. De acordo com Fernandes e Gaspar (2014), a avaliação consiste num “processo eminentemente pedagógico, indissociável da organização e desenvolvimento do currículo no contexto das salas de aula e comprovadamente associado à melhoria das aprendizagens de todos os alunos” (p.200). De facto, avaliar foi sem dúvida uma tarefa um pouco difícil para mim, mas que fui melhorando de estágio para estágio. No meu primeiro estágio, em creche, utilizei como instrumentos de avaliação a observação direta e o registo fotográfico. No final de cada dia de intervenção registava no meu caderno uma breve avaliação sobre como tinham corrido as atividades que tinha implementado e como tinha sido o grau de envolvimento de cada uma das crianças. Já no estágio em pré-escolar continuei a utilizar a observação direta e o registo fotográfico, mas também comecei a utilizar grelhas de avaliação. Nos dois últimos estágios que realizei, para além de utilizar os instrumentos de avaliação acima mencionados, comecei a utilizar também rúbricas de avaliação. À medida que fui realizando os estágios fui-me apercebendo que a avaliação é de facto um instrumento indispensável porque permite aos educadores e professores perceberem o desenvolvimento das crianças, bem como refletir sobre a prática pedagógica.

Capítulo II – Exercício Investigativo

1. Revisão de Literatura

1.1. O Património Cultural

A palavra “património” deriva do latim *patrimoniu* e, tal como é referido por Chagas (2014), “relaciona-se fortemente com o conceito de herança, ou seja, tudo o que é transmitido, sendo ou não palpável, de geração em geração” (p.3). Desta forma, o património resulta de “um conjunto de bens culturais sobre o qual incide uma determinada carga valorativa” (Chagas, 2014, p.4).

Foi a partir da Antiguidade Clássica que o Homem se começou a interessar pelos testemunhos do passado, contudo, “os primeiros ideais de Património surgem no período renascentista quando se introduz a História como disciplina” (Chagas, 2014, p.4). Mais tarde, entre o século XVII-XVIII, os Estados Modernos começaram a proteger os monumentos nacionais, por serem de interesse público, utilizando instrumentos jurídicos específicos que os classificavam enquanto manifestações culturais e também como símbolos de um país (Chagas, 2014). Já em 1789, a Revolução Francesa marcou profundamente os primeiros indícios do conceito de património, uma vez que, “entendeu-se que era necessário proteger os bens espoliados, agora à disposição de todos e que se transformaram rapidamente em antiguidades” (Chagas, 2014, p.5). Mais tarde, em 1837, a criação da Comissão dos Monumentos Nacionais, na França, faz com que se comece a dar mais importância à preservação e à conservação dos testemunhos antigos (Chagas, 2014), sendo que esta consciencialização rapidamente se estendeu às várias capitais europeias.

Ao longo das últimas décadas o conceito de património tem vindo a desenvolver-se, sendo que, “a sua própria definição, assim como o seu papel, têm vindo a ser alvo de várias transformações” (Chagas, 2014, p.2). Face a isto, várias têm sido as definições propostas por diversos autores. Vejamos, por exemplo, a definição proposta por Frier (1997), citado por Nabais (2000), que define o património cultural como “o conjunto de marcas ou vestígios da atividade humana que uma comunidade considera como essenciais para a sua identidade e a sua memória coletivas e que deseja preservar a fim de as transmitir às gerações vindouras” (pág.17). Olhemos agora, para a definição proposta pelo Conselho da Europa, que refere que o património cultural é constituído por um conjunto “de recursos herdados do passado que as pessoas identificam, independentemente do regime de propriedade dos bens, como reflexo e expressão dos seus valores, crenças, saberes e tradições em permanente evolução” (Convenção de Faro, 2005, Artigo 2.º). Através das duas definições apresentadas, verificamos que “as sociedades contemporâneas alargaram de tal forma o conceito de Património – material e imaterial, cultural e natural, histórico, arqueológico, artístico, genético ... -, que este

parece referir-se, muitas vezes, a formas de expressão de identidades e de memórias coletivas centradas na continuidade” (Pinto, 2011, citado por Pais, 2019, p.54).

Em Portugal, tal como em muitos outros países, muita tem sido a legislação criada com o intuito de proteger, preservar e valorizar o património. Segundo o Artigo 1.º da Lei n.º13/85, de 6 de julho, o património cultural português “é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”. Mais tarde, em 2001, a Lei n.º 107/2001 (Lei de Bases do Património Cultural Português) vem acrescentar que o conceito de património cultural constitui “parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas”. Para além disto, esta lei vem estabelecer “as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura”. De facto, a Lei n.º 107/2001 vem estabelecer critérios de seleção do que se entende por “bem cultural”, levando ao alargamento do conceito de património cultural no contexto português:

1. Integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.
2. A língua portuguesa, enquanto fundamento de soberania nacional, é um elemento essencial do património cultural português.
3. O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.
4. Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas.
5. Constituem, ainda, o património cultural quaisquer outros bens que como tal sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos.
6. Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também, quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles relação interpretativa e informativa.
7. O ensino, a valorização e a defesa da língua portuguesa e das suas variedades regionais no território nacional, bem como a sua difusão internacional, constituem objeto de legislação e políticas próprias.

8. A cultura tradicional popular ocupa uma posição de relevo na política do Estado e das Regiões Autónomas sobre a proteção e valorização do património cultural e constitui objeto de legislação própria.

(Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro, Artigo 2.º)

Através dos autores que foram sendo enunciados e da legislação apresentada, constatamos que o conceito de património cultural é bastante vasto e, que não existe apenas um conceito que permita defini-lo, mas sim, vários conceitos. Neste sentido, Café (2007) refere que o conceito de património cultural é “intemporal e por isso não lhe deve ser aplicado um conceito acabado, devendo optar-se antes por aplicar-se expressões” (p.24) que lhe permitam uma maior abertura.

1.2. Educar para o Património

Segundo Horta (2000), a educação para o património consiste num “processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no património cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (p. 4). Horta (2000), refere que a partir da experiência e do contacto direto com as várias manifestações do património cultural, as crianças participam ativamente na construção do conhecimento e da valorização da herança cultural. Desta forma, a educação para o património surge como um “instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (Horta, 2000, p.4).

Cardoso e Pereira (2003), citando Custódio (2000), Duarte (1992), Jorge (2001) e Ramos (1993), referem que a educação patrimonial, tal como as outras educações (saúde, ambiental, entre outras), têm as suas próprias linhas de orientação e os seus objetivos, salientando-se os seguintes:

- Tomar consciência das questões do património;
- Adquirir conhecimentos de forma a obter uma compreensão do património e da resolução dos seus problemas;
- Desenvolver atitudes capazes de motivarem as pessoas a participarem ativamente na preservação e conservação do património;
- Promover o fortalecimento da identidade cultural, individual e coletiva, reforçando o sentimento de autoestima;
- Estimular o diálogo entre a comunidade, meios de comunicação social, a escola e os órgãos responsáveis pela identificação, proteção e promoção do património, promovendo uma troca de conhecimentos.

(Cardoso e Pereira, 2003, pp. 113-114)

Custódio (2000), citado por Cardoso e Pereira (2003), refere que, em Portugal, a educação patrimonial ainda se encontra “na idade da infância em relação à educação ambiental” (p.112), no entanto, nos últimos anos, tem havido uma maior consciencialização da importância de preservar o património cultural como condição indispensável para a garantia da identidade nacional (Cardoso e Pereira, 2003). Deste modo, a Lei de Bases do Sistema Educativo, refere no artigo 3.º, alínea a), que o sistema educativo se organiza de forma a “contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal, através da consciencialização relativamente ao património cultural do povo português”. Através da Lei de Bases do Sistema Educativo percebemos que é importante que as escolas invistam numa educação patrimonial, uma vez que, têm um papel fundamental na formação cívica e moral das crianças e dos jovens. Face a isto, Cardoso e Pereira (2003), defendem que a educação patrimonial é uma temática fundamental que deve ser aprendida ao longo de todo o processo educativo e que “constitui-se como uma proposta interdisciplinar de ensino voltada para as questões relacionadas com o património cultural” (p.117). Esta proposta, segundo as autoras, poderá perspetivar-se em três níveis:

1. A inclusão nos currículos escolares, de todos os graus de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do património histórico;
2. A realização de cursos, de ações de formação e de informação para os professores, a fim de lhes propiciar informações e conhecimentos acerca das temáticas, de forma a que possam vir a despertar nos educandos e na sociedade a preocupação e o gosto pela preservação do património histórico;
3. O desenvolvimento de projetos no âmbito do património histórico que envolvam toda a comunidade educativa.

(Cardoso e Pereira, 2003, p.117)

Pudemos constatar anteriormente, através do artigo 3.º alínea a), que o Sistema Educativo está organizado de forma a contribuir para uma maior consciencialização do património cultural português, no entanto, de que forma é que os programas curriculares atualmente em vigor, nomeadamente as Orientações Curriculares para Educação Pré-Escolar e o Programa de Estudo do Meio, contribuem para essa consciencialização? De acordo com Silva et al. (2016), “é nos contextos sociais em que vive, nas relações e interações com os outros e com o meio que a criança vai construindo referências, que lhe permitem tomar consciência da sua identidade e respeitar a dos outros, (...) valorizar o património natural e social” (p.33). O respeito e a valorização pelo património, ou seja, “a consciencialização” a

que o Sistema Educativo se refere, é abordada na área de Formação Pessoal e Social, sendo que, “ o desenvolvimento destes valores articula-se e concretiza-se através de aprendizagens realizadas noutras áreas e domínios, nomeadamente a Educação Artística e o Conhecimento do Mundo” (p.34). Desta forma, uma das aprendizagens a desenvolver, e que está diretamente relacionada com o património cultural, é “conhecer e valorizar manifestações do património natural e cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação” (Silva et al., 2016, p.40), sendo que é possível observá-las quando as crianças (re)conhecem várias manifestações do património cultural e manifestam interesse e preocupação com a sua preservação. Relativamente à área de Expressão e Comunicação, mais precisamente no domínio das Expressões Artísticas, Silva et al. (2016), defendem que a educação artística contribui para o conhecimento do património cultural e que o desenvolvimento contextualizado e articulado entre as várias áreas contribuem para que as crianças conheçam as características da sua comunidade, os costumes, as tradições e os elementos do património cultural, promovendo, desta forma, o respeito pela diversidade cultural.

Relativamente ao programa de Estudo do Meio, que está atualmente em vigor, verificamos que a educação patrimonial é abordada no Bloco 2 – À Descoberta dos outros e das instituições. No entanto, é apenas no 3.º e 4.º ano de escolaridade que se dá um maior ênfase ao património cultural. De acordo com o Programa de Estudo do Meio, é importante “que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de forma elementar, na reconstituição do passado” (p.110). Desta forma, pretende-se que no final do 1.º ciclo os alunos sejam capazes de “reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação” (Organização Curricular e Programas, 2004, p.104).

Manique e Proença (1994) defendem que “ não é o património que tem que vir à escola mas, ao contrário, é a escola que deve ir ao encontro do património, torná-lo objeto específico de estudo, estabelecer o diálogo entre a comunidade escolar e o meio envolvente, valorizar as realidades patrimoniais no contexto ambiental em que se inserem” (p.57). Desta forma, “o contacto direto com as fontes históricas contribui (...) para uma correta iniciação ao método de pesquisa histórico e para a formação do espírito crítico” e para “ o conhecimento e respeito pela preservação do património histórico-cultural” (Proença, 1992, p.197). É neste sentido que Proença (1992) refere que as visitas de estudo podem ser um aliado bastante importante na formação dos alunos porque, servem como motivação para a aquisição de conhecimentos, para esclarecer e/ou complementar conhecimentos e para sintetizar e avaliar conhecimentos que foram adquiridos anteriormente. Para além disto, importa também salientar o papel que os/as educadores/as e professores/as têm na divulgação e na valorização do património cultural, uma vez que, para além de envolverem os alunos, lhes é também possível envolver as famílias e as entidades locais ao propor visitas guiadas, gravando histórias e cantares,

fazendo entrevistas, inventariando o património cultural (Telmo, 2000).

Independentemente do contexto em que se insere, a educação patrimonial pretende desenvolver atitudes de preservação e animação do património, incentivar o gosto pela descoberta e compreender a História Nacional através da História Local (Gaspar, 2011).

2. Objetivos e metodologias de pesquisa

2.1. Questões orientadoras e objetivos

Quando iniciei o meu 1.º ano no mestrado, em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º ciclo do Ensino Básico, comecei a ter um maior contacto com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. À medida que as fui explorando, houve uma sugestão de reflexão que me chamou bastante à atenção, e que passo a citar: “Como ajuda as crianças a valorizarem o património cultural, paisagístico e natural? O que faz para as crianças conhecerem e valorizarem esses patrimónios?” (Silva et al, 2016, p.42). O facto de ter um grande interesse por questões ligadas ao património cultural, suscitou em mim a vontade de saber mais sobre a educação patrimonial e, como os educadores/as e professores/as, exploram esta temática. No entanto, à medida que fui realizando pesquisas, deparei-me com o facto de ainda existirem poucos estudos em Portugal sobre este tema. De facto, e tal como refere Custódio (2000), citado por Cardoso & Pereira (2003), a educação patrimonial ainda se encontra “na idade da infância em relação à Educação Ambiental” (p.112), o que me leva a crer que ainda há muito por dizer e escrever sobre a educação para o património. É neste contexto que surge o meu tema de investigação **“Educar para o património: conceções de educadores de infância e de professores do 1.º ciclo do ensino básico”**, que tem como principal objetivo estudar qual a melhor forma para transmitir aos mais pequenos a importância de valorizar o património e a cultura.

Visto que o Património é um tema vasto, foi necessário fazer opções. Durante a pesquisa irei apenas focar-me na importância que é dada ao Património Cultural na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo sido definidas as seguintes questões orientadoras:

- Qual o relevo dado ao património cultural nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e no Programa do 1.ºCiclo do Ensino Básico?
- Será que educadores e professores trabalham as questões ligadas ao património cultural? Se sim, de que forma as trabalham? Se não, que fatores contribuem para que isso aconteça?

Para dar resposta a estas questões defini como objetivos:

- Conhecer a opinião que educadores/as e professores/as têm sobre a importância dada ao património cultural na educação pré-escolar/1.º ciclo do ensino básico;
- Conhecer as estratégias utilizadas pelos/as educadores/as e professores/as para explorarem o património cultural com as crianças;
- Conhecer as dificuldades sentidas pelos/as educadores/as e professores/as quando exploram o património cultural com as crianças.

2.2. Opções metodológicas

À medida que fui recolhendo informações sobre a educação patrimonial, constatei que ainda não existia muita investigação desenvolvida sobre esta temática. Face a isto, decidi fazer um estudo prévio de natureza qualitativa que serviu de base ao meu trabalho de pesquisa, também de natureza qualitativa. Amado (2014) afirma que a investigação qualitativa “assenta numa visão holística da realidade (ou problema), sem a isolar do contexto natural (histórico, socioeconómico e cultural)” (p.41).

Optei pela realização de entrevistas no estudo prévio e, a partir destas, construí inquéritos por questionário, de forma a recolher os dados que necessitava para alcançar os objetivos desta investigação. Enquanto que, a entrevista surge como uma técnica de recolha de dados que possibilita a obtenção de informação mais rica, mas que não garante a sua veracidade, o inquérito por questionário é um instrumento de recolha de informação, que na maior parte das vezes, é preenchido pelo informante de forma anónima, garantido, desta forma, a autenticidade da informação (Lopes e Pardal, 2011).

Relativamente ao estudo prévio, optei por fazer entrevistas semiestruturadas. De acordo com (Lopes e Pardal, 2011), a entrevista semiestruturada “nem é inteiramente livre e aberta (...), nem orientada por um leque inflexível de perguntas estabelecidas a priori. (...) o entrevistador possui um referencial de perguntas guia, suficientemente abertas, que serão lançadas à medida do desenrolar da conversa, não necessariamente pela ordem estabelecida no guião” (pp. 86-87).

A realização das entrevistas envolveu a construção de um guião (anexo XII) para educadores/as de infância e professores/as. Este guião foi dividido em cinco blocos, cada um com os seus tópicos orientadores/questões estabelecidas de acordo com os objetivos do estudo. O guião apresentava questões iguais para educadores/as e professores/as e outras destinadas a cada nível educativo. Os blocos estavam organizados da seguinte maneira:

Bloco I - Legitimação da entrevista e caracterização do entrevistado

Bloco II - Como é que os educadores/as e professores/as valorizam o trabalho sobre o património cultural

Bloco III - Importância do património cultural para a aquisição de novas aprendizagens

Bloco IV - Dificuldades sentidas pelos/as educadores/as e professores/as**Bloco V – Observações**

O guião das entrevistas foi testado e não houve necessidade que fazer qualquer tipo de modificação. Importa referir que, no início de cada uma das entrevista, cada entrevistada foi informada sobre o conteúdo e a finalidade da entrevista, sendo que foi garantida a confidencialidade dos dados recolhidos. Para além disto, é de destacar que as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas (ver anexo XIII e XIV), o que me permitiu ter uma visualização global das respostas dadas, sendo uma preparação para o início da próxima fase do estudo, a análise de conteúdos.

De acordo com Lopes e Pardal (2011), a análise de conteúdo “é um instrumento de análise das comunicações” que “tem à sua disposição um conjunto variado de técnicas/procedimentos adaptáveis e aplicáveis a um campo alargado de análise” (p.93). Desta forma, a análise das entrevista permitiu-me estruturar e construir os inquéritos por questionário. No que concerne ao quadro de análise de conteúdos, importa referir que as categorias foram construídas a partir dos blocos temáticos do guião das entrevistas, e que, as subcategorias partiram das questões colocadas e das respostas dadas. Vejamos abaixo o quadro 5 que apresenta as categorias e as subcategorias da análise das entrevistas feitas a uma educadora de infância e a uma professora do 1.º ciclo do ensino básico.

Categorias	Subcategorias
Como é que os educadores/as e os professores/as valorizam o trabalho sobre o património cultural	Estratégias utilizadas para trabalhar o património cultural
	Ênfase dado pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/Orientações Curriculares definidas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico ao património cultural
	Articulação entre o património cultural e as várias áreas disciplinares
Importância do património cultural para a aquisição de novas aprendizagens	Aprendizagens adquiridas pelas crianças graças ao património cultural
Dificuldades sentidas pelos/as educadores/as e professores/as	Dificuldades
	Formas de ultrapassar as dificuldades

Quadro 5 - Categorias e subcategorias da análise das entrevistas

Relativamente aos inquéritos por questionário (anexo XV), foram construídos com recurso ao Google Forms, sendo posteriormente partilhados na plataforma Facebook em grupos privados destinados apenas a professores/as do 1.º ciclo do ensino básico e a educadores/as de infância. Optou-se por partilhá-los nestes grupos privados com o intuito de alcançar um maior número de respostas. No entanto, e para evitar que a mesma pessoa respondesse mais que uma vez, limitou-se, através das configurações disponíveis no Google Forms, o número de respostas por pessoa.

É de referir que antes de serem partilhados, os inquéritos por questionário foram previamente testados, sendo que não houve a necessidade de fazer qualquer alteração.

3. Estudo prévio

Participantes

Participaram no estudo prévio uma educadora de infância de uma sala multietária (dos 3 aos 6 anos) e uma professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico (3.º ano de escolaridade), pertencentes a agrupamentos diferentes, sediados no concelho de Santarém. No quadro 6 é possível observar a identificação de cada uma das entrevistadas com mais detalhe, sendo que a cada uma foi atribuído um código de identificação. A educadora de infância está identificada com a letra “E” e a professora está identificada com a letra “P”.

Código de Identificação	Idade	Habilitações Académicas	Anos de serviço	Valência em que se encontra a trabalhar
E	45 anos	Mestrado	16 anos	Jardim de Infância (dos 3 aos 6 anos)
P	49 anos	Doutoramento	24 anos	1.º Ciclo do Ensino Básico (3.º ano de escolaridade)
Nota: No código de identificação a letra “E” significa Educadora de Infância e a letra “P” significa Professora.				

Quadro 6 – Caracterização dos entrevistados

Apresentação dos dados recolhidos

No que diz respeito à primeira questão, relacionada com as estratégias utilizadas para trabalhar o património cultural com as crianças, a educadora entrevistada começa por referir que gosta de explorar o património e a cultura de outros países quando tem no grupo crianças de outras nacionalidade, uma vez que **“permite ao grupo conhecer outro tipo de culturas, que acabam por ser bastante diferentes da suas, o que acaba por promover o respeito pela diversidade”** (E). Depois desta breve explicação, ela refere que para explorar o património cultural com o seu grupo pode levar **“fotografias, vídeos (...) um livro que esteja relacionado com o património ou a cultura de um determinado país (...) um artesão que venha até à nossa sala mostrar o seu ofício”** (E). Já a professora entrevistada começa por explicar que, como está a dar aulas em Santarém há pouco tempo, não tem trabalhado muito o património cultural da cidade porque, quer primeiro apropriar-se das coisas, para depois falar sobre elas com uma maior propriedade. Apesar deste entrave, a professora partilhou algumas estratégias que utilizou para trabalhar o património cultural quando esteve a dar aulas em Almada. **“Partíamos sempre do património ali daquela região e depois trabalhávamos todas as áreas curriculares”** (P), por exemplo, **“(...) as nossas aulas de português eram dadas por panfletos que eles (alunos) traziam do museu da cidade ou da biblioteca municipal”** (P).

Relativamente à segunda questão, questionou-se a educadora de infância se todo o trabalho que desenvolvia, relacionado com o património cultural, tinha por base as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Perante esta questão, a entrevistada respondeu muito prontamente que sim, e acrescenta que **“acho bastante importante que todo o trabalho que se desenvolve com as crianças tenha por base estas orientações”**(E), no entanto, **“(...) cabe a cada um de nós (educadores/as) interpretar essas orientações e planificar atividades que vão ao seu encontro”** (E). Questionada acerca do mesmo, mas tendo por base as Orientações Curriculares definidas para o 1.º ciclo do ensino básico, a professora começa por referir que **“(...) é preciso ter um “esqueleto” não é?!”** (P). Posto isto, acrescenta que **“se nós olharmos para o currículo em termos de exploração de património é sempre um dos parentes pobres do currículo”** (P) e que **“a orientação que vem expressa nos manuais, por exemplo, nos manuais que os alunos têm ou no currículo nacional é muito fraco em termos de informação”** (P).

Quanto à terceira questão, perguntou-se à educadora entrevistada se considerava que as Orientação Curriculares para a Educação Pré-Escolar davam destaque suficiente ao património cultural. Perante a questão, a educadora considera que é dado bastante ênfase ao património cultural e explica que **“as questões ligadas ao património, seja ele cultural, natural ou social são referidas algumas vezes ao longo das orientações curriculares”** (E). Para além disto, acrescenta que **“não está expresso que atividades devem ser**

desenvolvidas (...) cabe a cada um de nós interpretar e refletir sobre as orientações dadas e planificar atividades que permitam às crianças conhecerem e valorizarem o património”(E).

A professora entrevistada também foi questionada sobre a importância que é dada ao património cultural, mas pelo Programa de Estudo do Meio. Perante isto, ela refere que o Programa não dá praticamente destaque ao património cultural e explica que **“(…) no 1.º e 2.º ano, salvo uma página ou outra, há uma referência aqui ou acolá em relação ao património local, mas em termos de currículo não refere um tipo de património específico” (P)**, já no **“(…) 3.º e 4.º ano surge mais a temática do património, como por exemplo, conhecer o hino, conhecer alguns trajes típicos portugueses ... mas aquilo cai de paraquedas ali no livro e os miúdos nem ficam bem a perceber o que aquilo é” (P)**. Para além disto, acrescenta que **“(…) para mim, o Estudo do Meio sempre foi o “parente pobre” da educação porque cada vez mais se dá destaque ao Português e à Matemática. Se fores a ver, o currículo de Português e Matemática já foi alterado várias vezes (...) o de Estudo do Meio ninguém ainda foi capaz de fazer alterações e isso mexe em várias coisas, como por exemplo, o fraco apoio que se dá à ciência e a toda a parte social relacionada com o Estudo do Meio” (P)**.

Quando questionadas sobre se costumam trabalhar o património cultural em articulação com as várias áreas curriculares, a educadora começa por afirmar que **“(…) o património é um tema bastante rico, o que faz com que seja possível trabalhá-lo de forma transversal” (E)** e dá exemplos dessa articulação **“(…) ao abordarmos este tema estamos a trabalhar a área de Formação Pessoal e Social, na medida em que promovemos o respeito pela diversidade e sensibilizamos para a preservação do património, mas também estamos a trabalhar a área da Expressão e Comunicação (...)” (E)**. Tal como a educadora, a professora entrevistada também começa por referir que **“(…) o património cultural é riquíssimo (...) com algum interesse e com alguma facilidade nós conseguimos fazer a transversalidade entre as várias áreas curriculares.” (P)**. Contudo, a mesma refere que a nossa capacidade em conseguir trabalhar o património cultural em articulação com as várias áreas disciplinares é **“(…) condicionado porque depende muito da nossa forma de ser enquanto professores e de sabermos interagir (...)” e “(...) depende muito com a turma com que trabalhas e com a interação que existe também entre a escola e a comunidade em que está inserida.” (P)**.

No que concerne às aprendizagens que podem ser adquiridas graças ao património cultural, a educadora entrevistada começa por explicar que o contacto com o património cultural possibilita às crianças adquirirem novos conhecimentos e dá um exemplo de uma atividade que se pode fazer através da exploração de um quadro de natureza morta **“(…) pode pegar por aí e explorar com as crianças que frutas é que estão representadas no quadro, se conhecem essas frutas, pode até contar com elas quantas frutas estão no**

quadro, quantas maçãs, quantas peras (...)” (E). Quanto à professora, esta também partilha a mesma opinião que a educadora de que ao trabalhar o património cultural é possível as crianças adquirirem novos conhecimentos, por exemplo, **“(...) quando falamos dos trajes típicos também é possível falar sobre a indústria, ou seja, que processos sofreu o linho até se transformar no traje. Até se pode falar do impacto ambiental que a indústria pode ter.”** (P).

Relativamente à sexta questão, foi perguntado às entrevistadas sobre quais as dificuldades sentidas quando desenvolvem com as crianças atividades relacionadas com o património cultural. Perante isto, a educadora refere que deveria **“(...) ter mais formação para conseguir dinamizar mais atividades relacionadas com o património”** (E) e faz uma chamada de atenção para o facto de existirem muitos monumentos em Santarém que estão praticamente sempre fechados, o que acaba por ser um grande entrave quando se quer levar as crianças a conhecer o interior destes monumentos. Para além disto, a educadora ainda acrescenta que algumas instituições **“(...) demonstram pouca disponibilidade”** (E) quando se pretende levar as crianças a alguns dos locais culturais, isto porque por vezes não têm um programa adequado para as crianças em idade pré-escolar. Tal como a educadora, a professora começa por referir que **“(...) às vezes existe pouca disponibilidade/resposta por partes das instituições (...)**” (P). Para além disto, a professora refere também que o custo elevado que algumas visitas de estudo podem ter devido ao preço elevado que se tem de pagar pelo aluguer do autocarro, acaba também por ser um grande entrave porque nem todas as famílias têm possibilidades financeiras.

Para terminar a entrevista, questionou-se as entrevistadas sobre quais estratégias utilizadas para combaterem as dificuldades que encontram quando trabalham o património cultural com as crianças. Face a isto, a educadora refere que é importante **“(...) fazer pesquisas, ler ... querer saber sempre um pouco mais”** e acrescenta que **“(...) é importante conseguir integrar os pais, os avós, a comunidade porque eles acabam por ser o reflexo do património.”** (E). Já a professora começa por referir que o que é mais importante **“(...) é nunca baixar os braços!”** e que existem muitas maneiras de contornar as dificuldades sentidas, como exemplo, **“(...) articular com a Câmara Municipal a vinda de um técnico a escola para ajudar na exploração do património”, “(...) levar fotografias, vídeos e panfletos”** caso não seja possível levar os alunos a visitar elementos do património cultural e **“(...) pedir a ajuda dos pais e das famílias (...)**”

4. Pesquisa realizada

4.1. Contexto e participantes no estudo

Neste estudo foram inquiridas 30 educadoras de infância e 30 professoras do 1.º ciclo do ensino básico. As tabelas abaixo pretendem fazer uma caracterização mais detalhada das inquiridas, focando aspetos como: número de anos de serviço e valência/ano de escolaridade com que trabalham.

Anos de serviço	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Relativa (%)
1 a 5 anos	8	0,27	27%
6 a 10 anos	3	0,10	10%
11 a 15 anos	1	0,03	3%
16 a 20 anos	4	0,13	13%
21 a 25 anos	6	0,20	20%
26 a 30 anos	3	0,10	10%
31 a 35 anos	3	0,10	10%
36 a 40 anos	2	0,07	7%
Total	30	1	100%

Tabela 1 – Tabela de frequências relativa aos anos de serviços das educadoras de infância

Valência com que trabalham	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Relativa (%)
Creche	9	0,30	30%
Pré-Escolar	21	0,70	70%
Total	30	1	100%

Tabela 2 – Tabela de frequências relativa às valências onde trabalham as educadoras de infância

Anos de serviço	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Relativa (%)
1 a 5 anos	0	0	0%
6 a 10 anos	1	0,03	3%
11 a 15 anos	6	0,20	20%
16 a 20 anos	9	0,30	30%
21 a 25 anos	6	0,20	20%
26 a 30 anos	2	0,07	7%
31 a 35 anos	4	0,13	13%
36 a 40 anos	2	0,07	7%
Total	30	1	100%

Tabela 3 – Tabela de frequências relativa aos anos de serviços das professoras

Ano de escolaridade com que trabalham	Frequência Absoluta	Frequência Relativa	Frequência Relativa (%)
1.º ano	1	0,03	3%
2.º ano	6	0,20	20%
3.º ano	11	0,37	37%
3.º e 4.º ano	5	0,17	17%
4.º ano	7	0,23	23%
Total	30	1	100%

Tabela 4 – Tabela de frequências relativa ao ano de escolaridade com que trabalham as professoras

4.2. Apresentação e análise dos dados

Quando questionadas sobre se costumam trabalhar as questões relacionadas com o património cultural, a maioria das educadoras inquiridas afirma que sim, tal como se evidencia no gráfico 1 (73%). Segundo Telmo (1986), citado por Araújo (2013), a “aprendizagem do património deve iniciar-se ainda em idade pré-escolar, começando o educador por estimular as crianças para a exploração do meio onde a escola se insere” (p.17). Desta forma, “a educação patrimonial pode ser um instrumento de “alfabetização cultural” que vai permitir à criança fazer uma leitura do mundo que a rodeia, levando-a à compreensão do universo sociocultural e do meio temporal/cronológico em que está inserida” (Machado, 2018, p.27).

Relativamente às professoras inquiridas foi possível apurar que todas trabalham com as suas turmas as questões relacionadas com o património cultural. Ao consultarmos o Programa de Estudo do Meio, é possível verificar que um dos objetivos é “reconhecer e valorizar o património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas, rejeitando qualquer tipo de discriminação” (Ministério da Educação, 2004, p.107), o que pode explicar o facto de todas as professoras inquiridas afirmarem que desenvolvem atividades relacionadas com o património cultural.

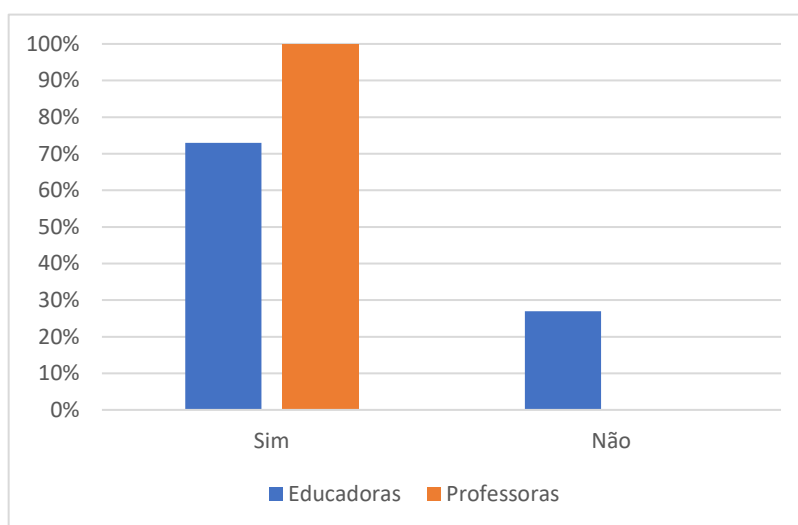


Gráfico 1 – Análise dos dados relativos à primeira questão

Quanto à segunda questão, questionou-se as inquiridas que tinham respondido afirmativamente à primeira questão se o trabalho que desenvolviam, relacionado com o património cultural, tinha por base as orientações definidas para a educação pré-escolar/ 1.º ciclo do ensino básico. Através do gráfico 2 é possível visualizar as respostas dadas pelas inquiridas. Desta forma, é possível constatar que 82% das educadoras inquiridas afirmam que quando planificam atividades relacionadas com o património cultural regem-se pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Já as professoras inquiridas (100%) afirmam que todo o trabalho que desenvolvem tem por base as orientações curriculares

definidas para o 1.º ciclo do ensino básico.

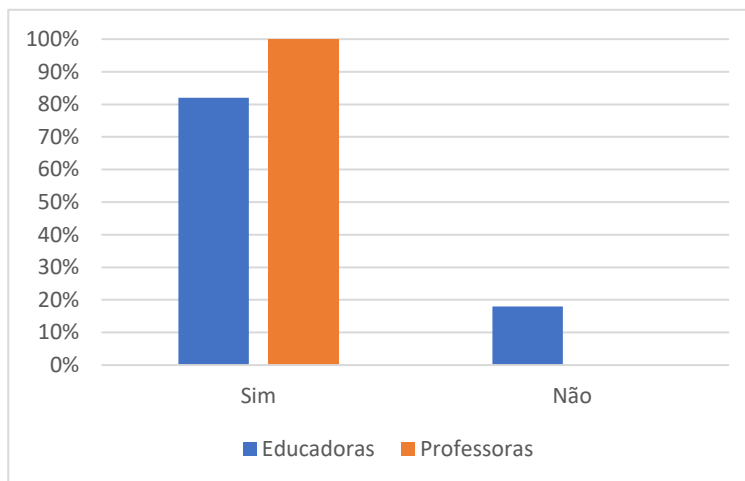


Gráfico 2 – Análise dos dados relativos à segunda questão

Segundo Moreira (2006), citado por Gaspar (2011), “o património não tem de ser exclusivamente estudado pela disciplina de História, esta área e estes estudos podem e têm de ser transversais a várias áreas disciplinares” (p.20). Perante isto, questionou-se as inquiridas que tinham respondido afirmativamente à primeira questão se trabalhavam o património cultural em articulação com as várias áreas curriculares. Através do gráfico 3 é possível verificar que 73% das educadoras afirmam fazer essa articulação, enquanto que 80% das professoras refere que também a faz.

Importa referir que, o contacto direto com o património, permite aos alunos desenvolver capacidades de observação, análise crítica, comparação, dedução e formulação de hipóteses que são competências transversais de todas as áreas programáticas (Gaspar, 2011).

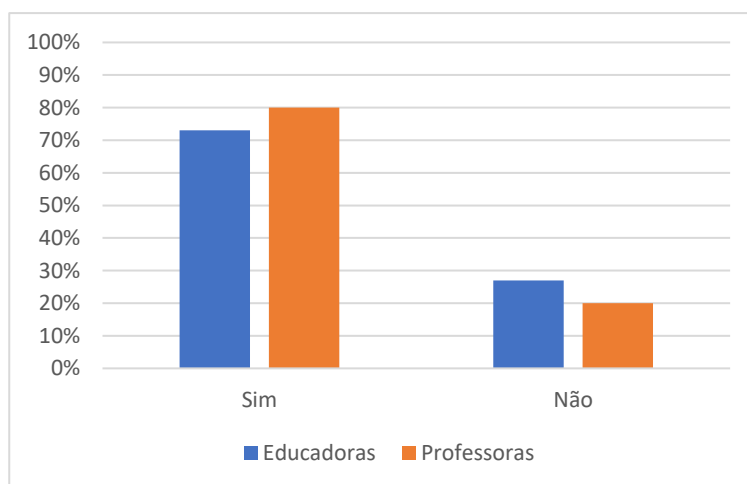


Gráfico 3 – Análise dos dados relativos à terceira questão

No que diz respeito à quarta questão, perguntou-se às inquiridas sobre quais as estratégias que costumam utilizar quando trabalham com as crianças questões ligadas ao património cultural. Através do gráfico 4 é possível constatar que as estratégias mais utilizadas pelas educadoras inqueridas são as visitas de estudo (26%), o uso de fotografias (24%) e de livros (19%). Para além destas estratégias, 3% das educadoras referem que também recorrem à pintura, à escultura, à construção de maquetas e à realização/visualização de espetáculos. Tal como refere Machado (2018), é na “observação da transformação, entre o fazer e o moldar, entre o executar e vivenciar, que a criança se vai aperceber que a arte e a vida são indissociáveis” (p.27), desta forma, todo o trabalho que se realiza deve “promover o espírito crítico necessário para despertar na criança o desejo de querer descobrir mais sobre o seu património” (Machado, 2018, p.28).

Quanto às estratégias utilizadas pelas professoras inquiridas, 28% afirma que recorre a livros e 26% a visitas de estudo. Para além destas duas estratégias, 19% ainda afirmam que costumam realizar trabalhos de pesquisa com os seus alunos. De acordo com Proença (1992), “a exploração do meio através de pequenas investigações (...) possibilita pôr em prática uma série de métodos e técnicas didáticas, com relevo para o ensino pela descoberta” (p.197), desta forma, é importante que os professores/as aproveitem os recursos que têm disponíveis nas suas localidades em prol das aprendizagens dos alunos.

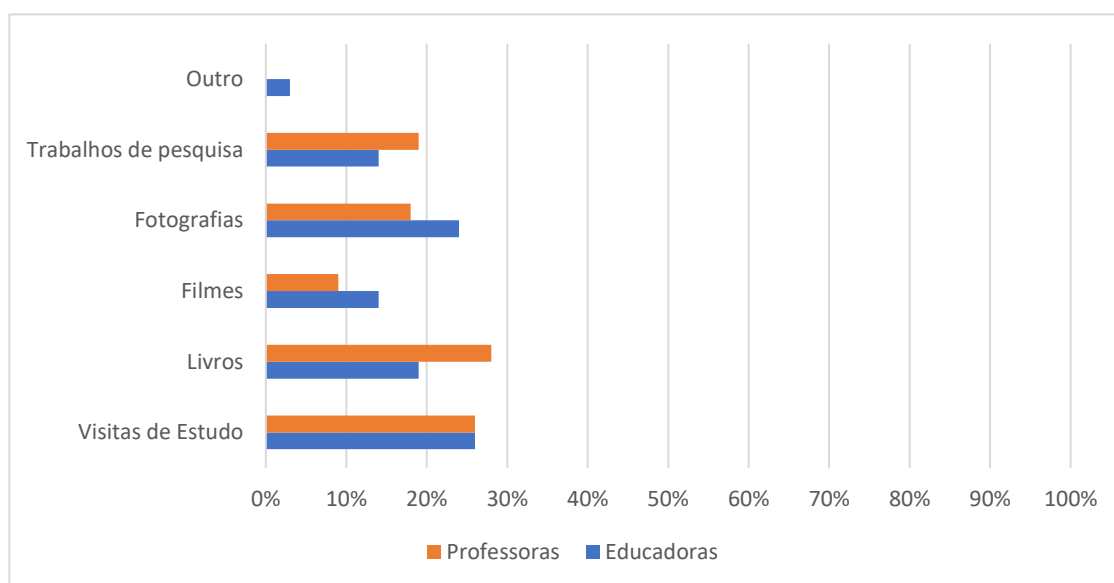


Gráfico 4 – Análise dos dados relativos à quarta questão

Quando questionadas sobre se consideravam que o contacto com o património cultural possibilitaria às crianças adquirirem novas aprendizagens, é possível verificar no gráfico 5 que tanto às educadoras como as professoras responderam afirmativamente a esta questão. De facto, a educação patrimonial para além de promover o conhecimento da História Local e Nacional, também promove a cidadania, valores e atitudes de respeito e tolerância (Gaspar, 2011).

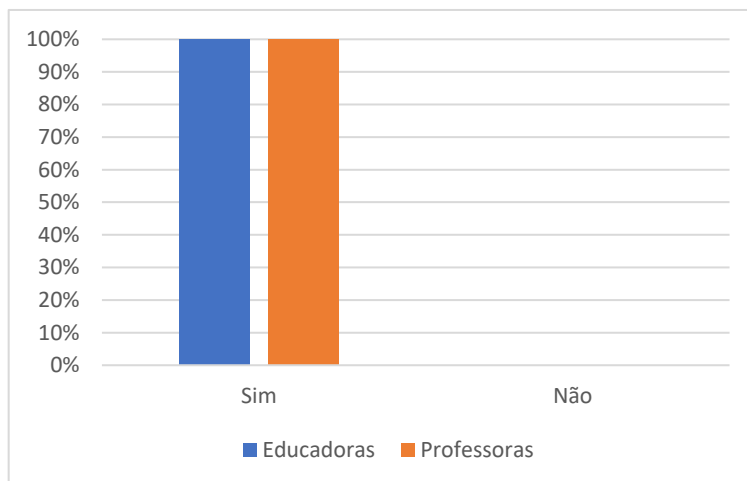


Gráfico 5 – Análise dos dados relativos à quinta questão

Relativamente à sexta questão, questionou-se as inquiridas se consideravam que as orientações curriculares definidas para a educação pré-escolar/1.º ciclo do ensino básico davam destaque suficiente ao património cultural. Através do gráfico 6 é possível visualizar as respostas dadas. Desta forma, 67% das educadoras inquiridas, mais de metade, afirmam que de facto as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar dão ênfase ao património cultural. No entanto, no que concerne ao 1º ciclo do ensino básico é possível constatar que apenas 30% das professoras inquiridas partilha desta opinião.

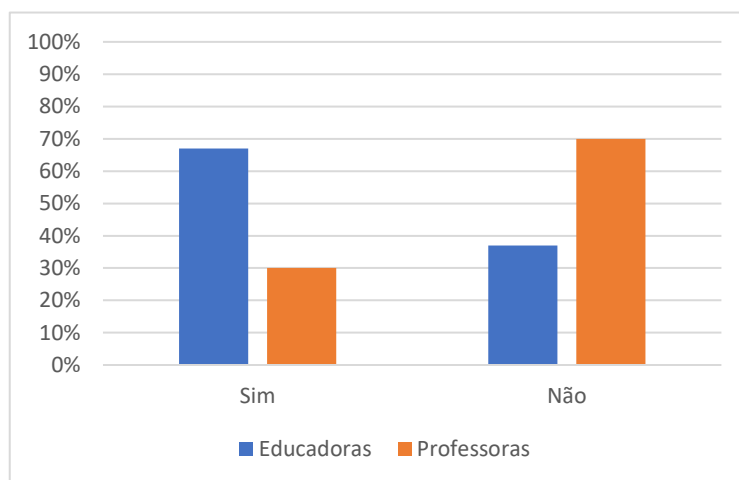


Gráfico 6 – Análise dos dados relativos à sexta questão

Para terminar o inquérito por questionário, questionou-se ainda as inquiridas sobre quais as dificuldades que sentem quando trabalham, com as crianças, questões ligadas ao património cultural. O gráfico 7 permite-nos ter uma visão global das respostas dadas. Desta forma, é possível verificar que a dificuldade mais sentida, tanto pelas educadoras como pelas professoras, é o preço elevado para aceder a monumentos, espetáculos, entre outro tipo de atividades culturais. A juntar a isto, 5% das inquiridas ainda referem na opção “outros” que o elevado custo do aluguer de transportes, conjugado o preço elevados para aceder às atividades culturais, torna as visitas de estudo bastante dispendiosas, o que faz com muitas das crianças não consigam ir porque os seus encarregados de educação não têm disponibilidade financeira para suportar estes custos.

Outra das dificuldades apontadas pelas inquiridas é a pouca disponibilidade que existe por parte de algumas instituições e explicam que, por vezes, existe pouco interesse/vontade em se criar uma oferta mais atrativa para as crianças, principalmente as que estão em idade pré-escolar. Para além disto, referem ainda que por vezes os monumentos têm um horário de funcionamento reduzido ou que não é compatível com os seus, o que faz com que seja difícil levar as crianças a visitar o seu interior.

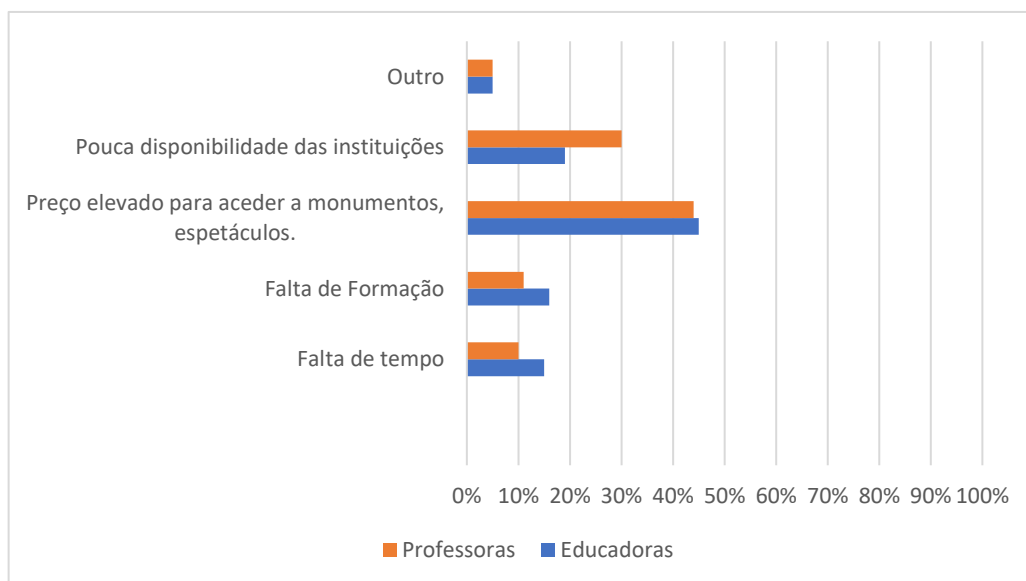


Gráfico 7 – Análise dos dados relativos à sétima questão

5. Reflexão final do estudo

A análise das entrevistas e dos inquéritos por questionário revelou-se uma mais valia para a compreensão do fenómeno estudado, possibilitando, assim, responder aos objetivos que foram estabelecidos inicialmente. Tendo em conta o objetivo, conhecer a opinião que os/as educadores/as e professores/as têm sobre a importância dada ao património cultural na educação pré-escolar/1.º ciclo do ensino básico, a realização deste estudo permitiu conhecer, não só a opinião que os/as educadores/as e professores/as têm sobre o ênfase que é dado ao património cultural pelos documentos curriculares atualmente em vigor, mas também, conhecer a importância que eles próprios lhe dão.

Relativamente à opinião que os/as educadores/as de infância têm sobre o ênfase que é dado pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar ao património cultural, verificou-se, através dos inquéritos por questionário, que 67% das inquiridas considera que, de facto, é dado destaque ao património cultural na educação pré-escolar. No entanto, se cruzarmos os dados obtidos nos inquéritos com a entrevista feita à educadora de infância no estudo prévio, podemos encontrar fatores que poderão explicar o motivo que levou 37% das inquiridas a considerar que não é dada importância suficiente ao património cultural. Por exemplo, o facto de não estar **“expresso que atividades devem ser desenvolvidas para abordarem estas questões.”(E)** ou de não estar **“expresso claramente como é que devemos abordar essas questões” (E)** poderão ser fatores que explicam o motivo que levou estas inquiridas a considerarem que não é dada importância suficiente ao património cultural.

Quanto à importância dada pelas educadoras inquiridas ao património cultural foi possível constatar que 73% costumam desenvolver com o seu grupo atividades relacionadas com o património cultural, o que nos leva ao segundo objetivo desta investigação, conhecer as estratégias utilizadas pelos/as educadores/as para explorarem o património cultural com as crianças. Através dos inquéritos por questionário verificámos que as duas estratégias mais utilizadas são as visitas de estudo e o uso de fotografias. No entanto, embora a opção “outros” tenha sido só escolhida apenas por 3% das inquiridas, ficámos a conhecer outras estratégias que acabam também por ser bastantes práticas e envolventes, como por exemplo, a construção de maquetes, a realização/visualização de espetáculos, a pintura e a escultura.

No que diz respeito às dificuldades sentidas pelos/as educadores/as quando exploram o património cultural com as crianças, foi possível constatar que, uma das maiores dificuldades sentidas é o preço elevado que tem de se pagar para se aceder aos monumentos e aos espetáculos, por exemplo. Associado a isto, surge também os custos de aluguer do transporte, o que acaba por encarecer a visita de estudo e a levar a que muitos encarregados de educação não autorizem os seus educandos a irem por não terem possibilidades financeiras para suportarem estes custos. Para além disto, torna-se também importante

questionar se todas as instituições culturais estarão preparadas para receber crianças em idade pré-escolar e se dispõem de um programa específico para elas, o que poderá ser um fator determinante para os/as educadores/as serem capazes de levar as crianças a esses locais.

Relativamente aos inquéritos realizados às professoras, foi possível constatar que 70% considera que os programas do 1.º ciclo do ensino básico, nomeadamente o de Estudo do Meio, não dá destaque suficiente ao património cultural. Se relacionarmos estes dados com a entrevista realizada à professora no estudo prévio, percebemos que o “(...) **Programa de Estudo do Meio é bastante pobre em termos de património**” (P), porque ninguém “(...) **ainda foi capaz de fazer alterações e isso mexe em várias coisas, como por exemplo, o fraco apoio que se dá à ciência e a toda a parte social que está relacionada com o Estudo do Meio (...)**” (P). Para além disto, muitas das inquiridas podem partilhar a mesma opinião que professora entrevistada quando refere que “(...) **no programa do 1.º e 2.º ano, salvo uma página ou outra, há uma referência aqui ou acolá em relação ao património local (...)**” e no “(...) **3.º e 4.º ano surge mais a temática do património, como por exemplo conhecer o hino, conhecer alguns trajes típicos portugueses ... mas aquilo cai de paraquedas ali no livro e os miúdos nem ficam bem a perceber o que aquilo é.**” (P). A forma como o Estudo do Meio tem vindo a ser tratado nos últimos anos, em que cada vez a carga horária é menor e o facto do património cultural surgir muitas vezes de “paraquedas” nos manuais podem ser fatores que explicam o motivo que leva a maior parte das inquiridas a considerar que não lhe é dado destaque suficiente. Quanto ao ênfase dado pelas professoras ao património cultural, verificou-se que todas costumam trabalhar com os seus alunos essa temática. Perante isto, ficámos a conhecer que o uso de livros e a realização de visitas de estudo são as estratégias mais utilizadas pelas inquiridas quando trabalham com os seus alunos o património cultural. Para além disto, e uma vez que não foi referido por nenhuma das inquiridas, mas sim pela professora entrevistada, considero que uma estratégia bastante interessante é a realização de entrevistas porque permite às crianças interagirem com os mais velhos, promovendo desta forma um diálogo intergeracional.

Ao conhecermos as estratégias utilizadas, este estudo também nos permitiu conhecer as dificuldades sentidas pelas professoras quando trabalham as questões ligadas ao património. Assim, verificámos que a grande parte partilha a opinião das educadoras de que o preço para aceder a atividades culturais acaba por ser bastante elevado, o que faz com que muitas das crianças não tenham possibilidade para aceder. Para além desta dificuldade, muitas das professoras inquiridas são ainda da opinião de que, por vezes, existe pouca disponibilidade por parte das instituições, o que acaba por ser um entrave “(...) **o maior obstáculo que existe é que quando pedes ajuda às instituições e acabam por ser pouco acessíveis e dão pouco interesse**” (P).

Em suma, a realização deste estudo permitiu conhecer a opinião que muitos/as educadores/as de infância e professores/as têm sobre a importância que é dada ao património

cultural pelos documentos curriculares definidos para a educação pré-escolar e para o 1.º ciclo do ensino básico. Para além disto, foi possível conhecer as estratégias e as dificuldades sentidas pelos/as educadores/as de infância e professores/as quando abordam com as crianças questões ligadas ao património cultural.

Considerações finais

A terminar a última etapa do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico consigo analisar como as diferentes aprendizagens realizadas a nível da formação teórica e prática, assim como o exercício investigativo realizado, contribuíram para a minha formação como futuro educador e professor.

Ter a possibilidade de realizar os estágios em contextos diferentes foi sem dúvida bastante gratificante, uma vez que me deu a possibilidade de ganhar experiência, de colocar em prática os conhecimentos que fui adquirindo ao longo das diversas unidades curriculares e de adquirir novas aprendizagens. Contudo, fui sentido algumas dificuldades como por exemplo, na gestão do grupo, principalmente no estágio em jardim de infância, e na avaliação, nomeadamente nos instrumentos de avaliação a utilizar. No entanto, as leituras que fui fazendo e o apoio que fui tendo ao longo de todos os estágios, contribuíram, para que, ao longo do meu percurso, fosse ultrapassando essas dificuldades. Sem dúvida que o apoio dado pelas educadoras e professoras cooperantes foi uma mais valia para o meu crescimento pessoal e profissional. Obrigado por me terem recebido de braços abertos e por terem partilhado a vossa experiência e sabedoria.

Todos os estágios proporcionaram-me experiências e momentos fantásticos, que sem dúvida irão ficar para sempre guardados. No entanto, de todos os estágios que tive, aquele que mais me marcou foi o primeiro, o estágio em creche. Ter tido a oportunidade de trabalhar com crianças com idades entre os dois e os três anos foi, sem dúvida, algo que me deixou de coração cheio e que me fez perceber, sem dúvida alguma, que estava a fazer aquilo que gostava. Claro que no início tive alguns receios porque nunca tinha trabalho com crianças desta faixa etária, no entanto, com o apoio da educadora cooperante e da professora supervisora consegui ultrapassar esses receios, o que me permitiu crescer de intervenção para intervenção.

Considero que, no decorrer dos estágios, tive uma evolução bastante positiva enquanto futuro educador e professor. Gostava sempre de questionar as docentes cooperantes sobre determinados acontecimentos, estive sempre aberto a críticas e alterei a minha forma de intervir consoante os feedbacks que ia recebendo. Para além disto, procurei ouvir a opinião das crianças e dos alunos e planificar atividades que lhes oferecessem aprendizagens, e que, ao mesmo tempo fossem ao encontro dos seus interesses.

Relativamente à escolha da temática da pesquisa, tanto as leituras como a escuta dos/as profissionais que participaram no estudo, permitiram-me aprofundar conhecimentos de como educar para o património nas primeiras idades. As entrevistas realizadas no estudo prévio e os inquéritos por questionário feitos a educadores/as de infância e a professores/as foram uma mais valia porque, me permitiu conhecer a sua opinião sobre a relevância dada ao património cultural nas orientações curriculares para a educação pré-escolar e para o 1.º ciclo

do ensino básico, a forma como esta é trabalhada, as dificuldades sentidas e as estratégias utilizadas para as ultrapassar.

Para terminar, gostaria de acrescentar que a realização deste estudo despertou ainda mais o meu interesse para a importância que o património assume na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico. Desta forma, no futuro gostaria de saber mais sobre os conhecimentos que as crianças possuem sobre o património local e nacional. Para além disto, ao longo das leituras que fui realizando reparei que o conceito de património está, muitas das vezes, associado aos conceitos de identidade cultural e de memória. Assim, num futuro gostaria também de saber mais sobre cada um destes conceitos e de perceber a sua interligação.

Referências Bibliográficas

- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Araújo, A. (2013). *Aprender o Património Cultural com diversão: Potencialidades do lúdico no processo de ensino e aprendizagem no 1.º ciclo do ensino básico*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho. Instituto Superior de Educação: Braga.
- Café, D. (2007). *Património, Identidade e Memória: Proposta para a criação do museu território de Alcanena*. Dissertação de mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Lisboa.
- Cardoso, A., Pereira, M. (2003, julho). *A escola e a educação patrimonial: Perspetivas de Intervenção*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa: Lisboa. pp.113-116.
- Chagas, M. (2014, dezembro). *O conceito de património cultural no século XXI: A comunicação social no processo colecionístico de arte*. Revista Tritão. pp. 3-6.
- Fernandes, D., Gaspar, A.(2014, agosto). *Avaliação das Aprendizagens: Uma síntese de teses de doutoramento realizadas em Portugal*. Revista Meta Avaliação. p.200.
- Gaspar, M. (2011). *Património histórico no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Lisboa.
- Horta, M. (2000). *Guia básico da Educação Patrimonial*. Consultado a 31 de março de 2020 em http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf
- Lopes, E., Pardal, L. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Machado, C. (2018). *A Educação Pré-Escolar e o Património Cultural. O papel dos museus*. Instituto Politécnico de Viseu. Escolar Superior de Educação de Viseu: Viseu.
- Manique, A., Proença, M. (1994). *Didática da História. Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.
- Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação. (2004). *Organização curricular e programa do 1.º ciclo*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direção-Geral da Educação (DGE).
- Nabais, J. (2000). *Noção e âmbito do Direito do Património Cultural*. Revista do Centro de Estudos de Direito do Ordenamento do Território, do Urbanismo e do Ambiente. pp. 17-19.
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância: Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.
- Pais, L. (2019). *O património local como ferramenta didática no ensino da História no 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado. Instituto Politécnico de Viseu. Escola Superior de Educação de Viseu: Viseu.

- Proença, M. (1992). *Didática da História*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rurato, P. & Gouveia, L. (2004). *Contribuição para o conceito de ensino a distância: vantagens e desvantagens da sua prática*. pp. 85-90.
- Santos, M. (2010). *Leitura partilhada entre o jardim de infância e a família - um projeto de intervenção*. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Porto.
- Seabra, F. (2010). *Ensino Básico: Repercussões da organização curricular por competências na estruturação das aprendizagens escolares e nas políticas curriculares de avaliação*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia: Braga.
- Silva, I. C., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Tavares, A. (2015). *A exploração de materiais na Creche e no Jardim de Infância*. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Setúbal. Escola Superior de Educação de Setúbal: Setúbal.
- Telmo, I. (2000). *O património e a escola: Do passado ao futuro*. Lisboa: Texto Editora.

Legislação consultada

- Convenção da Europa. (2005). Convenção de Faro, Artigo 2.º.
- Lei n.º 13/1985 de 6 de julho. Diário da República n.º 153 - Lei de Bases do Património Cultural.
- Lei n.º 46/1986 de 14 de outubro. Diário da República n.º 166 – Lei de Bases do Sistema Educativo.
- Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro. Diário da República n.º 209 – Lei de Bases do Património Cultural Português.

Anexos

Anexo I – Planificação do projeto “ À descoberta dos cinco sentidos”

<p>O que as crianças vão aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> • As cores; • As texturas; • Ritmos • Emoções primárias; 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leituras de histórias; • Jogos sensoriais; • Pintura; • Moldagem; • Colagem; • Recorte. 	<p>Como iniciar:</p> <p>Caixa construída previamente com a temática dos cinco sentidos.</p>	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cartolinas; • Cola; • Papel crepe; • Tintas; • Lixa; • Algodão; • Fitas; • Massas; • Farinha; • Gelatinas;
<p>“À Descoberta dos Cinco Sentidos”</p>			
<p>Conexão com outros saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formação Pessoal e Social; • Conhecimento do mundo; • Expressões e comunicação (artes visuais; música; drama; educação física; linguagem oral e abordagem à escrita). 	<p>Atividades feitas em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de histórias; • Construção da massa de moldar; • Jogo sensorial; • Jogo das caixas coloridas; • Tocar instrumentos; • Exploração de diferentes cheiros e sabores usando gelatinas de sabores 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pintar com as mãos; • Construção do boneco de neve; • Construção de gotas de chuva; • Digitinta; 	<p>Avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo.

Anexo II – Planificação da atividade “massa de moldar”

Atividade do dia 14 de dezembro de 2018

Áreas de Conteúdo	Competências/Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Formação Pessoal e Social Autonomia Autoestima ➤ Conhecimento do mundo ➤ Expressões e comunicação Artes Visuais 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Promover um ambiente de segurança e de conforto; ➤ Promover a interação com o adulto e os seus pares, de modo a promover o desenvolvimento e a aprendizagem; ➤ Desenvolver interações de bem-estar e segurança. ➤ Promover a exploração de diferentes materiais; ➤ Promover a manipulação de diferentes materiais; ➤ Promover a interação entre o adulto e os seus pares; ➤ (Re)conhecer as cores azul, verde e vermelho. ➤ Desenvolver a motricidade fina. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acolhimento (manta/grande grupo) <p>O acolhimento em grande grupo é orientado pelo educador, onde começa com a canção dos “Bons dias”. Seguidamente, há o preenchimento do quadro das presenças, onde cada criança irá colocar a sua fotografia no respetivo lugar (ficou em casa/ está na creche). Se estiver a faltar alguma criança, o educador pergunta ao grupo se esta ficou em casa ou está na escola. Depois de ouvir as opiniões das crianças, o educador coloca a fotografia no lugar correto (ficou em casa).</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Atividade livre <p>Terminado o acolhimento, o estagiário explica às crianças o que vão fazer. Depois, distribui as crianças pelas mesas e coloca em cima da mesa diversos materiais para fazerem a sua própria massa de moldar. Com a ajuda do estagiário e da educador, as crianças irão fazer a massa de modelar. Num recipiente grande, mistura-se a farinha com o sal, e em seguida junta-se a água e o óleo. Mistura-se todo o conteúdo até se formar uma massa homogénea. Por fim, é só juntar os corantes alimentares para dar cor à massa de moldar. Serão as crianças, que com a ajuda dos adultos da sala, irão participar em todo o processo de fazer a massa. Ao fazer a massa de moldar, as crianças têm a oportunidade de a mexer e de</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Humanos: <p>Educadores; Auxiliar; Crianças.</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Materiais: <p>Sal; Farinha; Água; Óleo; Corantes alimentares (azul, verde, vermelho).</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registo das aprendizagens feitas pelas crianças.

		sentir as diferentes texturas dos materiais. Quando a massa estiver pronta, as crianças terão a oportunidade de escolher se querem moldar a massa azul, a verde ou a vermelha. Também poderão partilhar entre si as diferentes massas de moldar. Enquanto as crianças estiverem a realizar a atividade, o estagiário poderá perguntar-lhes: “Estão a gostar da atividade”; “Qual a cor que queres que a massa tenha”; “O que é que estás a moldar?”		
--	--	---	--	--

Anexo III – Planificação da atividade “Digitinta”

17 de janeiro de 2019				
Área de Conteúdo	Objetivos Pedagógicos	Experiências de Aprendizagem	Recursos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Formação Pessoal e Social Autonomia Autoestima ➤ Conhecimento do Mundo ➤ Expressões e Comunicação Artes Visuais 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Promover um ambiente de segurança e conforto; ➤ Promover a interação com o adulto e os seus pares, de modo a promover o desenvolvimento e a aprendizagem; ➤ Desenvolver interações de bem-estar e segurança. ➤ Despertar na criança o gosto pela exploração através dos sentidos (paladar e olfato); ➤ Despertar na criança o gosto pela exploração de diferentes materiais; ➤ Desenvolver a motricidade fina através da Digitinta. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Acolhimento (manta/grande grupo) <p>O acolhimento em grande grupo é orientado pelo estagiário, onde começa com a canção dos “Bons dias”. Seguidamente, há o preenchimento do quadro das presenças, onde cada criança irá colocar a sua fotografia no respetivo lugar (ficou em casa/ está na creche). Se estiver a faltar alguma criança, o educador estagiário pergunta ao grupo se esta ficou em casa ou está na escola. Depois de ouvir as opiniões das crianças, o estagiário coloca a fotografia no seu respetivo lugar (ficou em casa).</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Atividades dirigidas <p>Terminadas as atividades de acolhimento, o educador estagiário começa por explicar às crianças o que irão fazer hoje. Depois disto, pede-lhes que se sentem em torno da mesa para participarem na atividade. Já sentadas, o educador estagiário coloca dentro de cada uma das taça as diferentes gelatinas e junta-lhes água. Este deve ir explicado às crianças o que está a fazer e ir-lhes mostrando os conteúdos de cada uma das taças. Depois disto, o educador estagiário irá passar a taça por cada uma das crianças para que eles cheirem o conteúdo das mesmas. Terminada esta atividade, o educador estagiário pede agora que cada uma das crianças coloque o dedo dentro da taça para que provem o conteúdo da mesma. Quando todos terminarem a exploração das gelatinas, o educador estagiário dirá às crianças podem ir brincar livremente. Entretanto este irá preparar a Digitinta para que depois cada uma das crianças a explorem. Para isso, numa taça, junta-se a</p>	<p>Humanos:</p> <p>Educador estagiário; Auxiliar; Crianças.</p> <p>Materiais:</p> <p>4 taças; 4 gelatinas de sabores diferentes; Farinha; Água.</p>	<p>Observação direta.</p>

		farinha, água e também gelatinas para darem sabor e cor à Digitinta. Depois de feita, o educador estagiário chama uma criança de cada vez, coloca um pouco em cima da mesa e deixa que as crianças a explorem livremente. Quando as crianças terminarem a exploração, o educador estagiário coloca uma folha de papel de manteiga em cima da Digitinta de forma a fazer uma impressão dos desenhos que foram feitos.		
--	--	--	--	--

Anexo IV – Planificação do projeto “ Aprender com histórias ...”

<p>O que as crianças vão aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A importância dos livros; • A respeitar os outros e as suas diferenças; • A conhecer as suas emoções. 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de histórias; • Pintura; • Jogos. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura da história “Daqui Ninguém Passa” de Isabel Minhós. 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cola; • Canetas de filtro; • Cartolinas; • Folhas Brancas; • Fotografias das crianças; • Livros; • Lápis; • Lã; • Tintas;
<h3>Aprender com histórias</h3>			
<p>Conexão com outros saberes:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formação Pessoal e Social • Expressão e Comunicação (artes visuais, música, drama, educação física, linguagem oral e abordagem à escrita, matemática); • Conhecimento do Mundo. 	<p>Atividades feitas em grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de histórias; • Atividade matemática; • Construção de histórias; • Teatro de sombras chinesas; • Construção do pote da calma; • Jogos. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pintura; 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Registo fotográfico; • Grelha de bem-estar e de envolvimento

Anexo V – Planificação da atividade “ Construção de livros”

Segunda-feira, 27 de maio				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos	Avaliação
<p>Área de Expressão e Comunicação</p> <p>- Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> Promover o desenvolvimento da linguagem oral – discurso; Identificar razões específicas para o uso da leitura e da escrita – identificação dos autores do livro; Motivar para a leitura. 	<p><u>Manhã:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Conversa em grande grupo acerca das histórias inventadas e dos livros criados; Decoração da capa com os desenhos realizados pelas crianças; Seleção e colagem de letras para formar o título das histórias, copiando do quadro; <p><u>Tarde:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> Leitura de uma história relacionada com o tema da família no tapete “O namorado novo da mãe”, com recurso a fantoche. 	<p>Humanos: Adultos; Crianças.</p> <p>Materiais: Livros realizados pelas crianças;</p> <p>Letras e revistas;</p> <p>Canetas de feltro;</p> <p>Cola.</p>	<p>Registos fotográficos – Anexo 7;</p> <p>Registos escritos;</p> <p>Observação direta: Verificar se as crianças realizam movimento de pinça.</p>

Anexo VI – Planificação da hora do conto “Conta-quilómetros”

Dia 12 de junho de 2019				
Áreas de Conteúdo	Objetivos	Experiências de Aprendizagem	Recursos	Avaliação
<p>Formação Pessoal e Social</p>	<ul style="list-style-type: none"> Saber ouvir o outro e respeitar as diferentes opiniões; Saber esperar pela sua vez para falar; 	<p>Atividade orientada</p> <p>Exploração do livro-álbum “Conta-Quilómetros” de Madalena Matoso:</p> <ul style="list-style-type: none"> Pré-leitura: “O que conseguem ver na capa do livro?” “Para onde acham que as personagens vão de carro?”; “Sabem o que é um conta-quilómetros?” Leitura: Uma vez que se trata de um livro-álbum, a quantidade de texto existente é bastante escassa. Face a isto, o educador estagiário, com o auxílio das crianças, irá inventar uma história à medida que for mostrando as várias ilustrações existentes. Pós-leitura: Depois de terminarmos a história, o educador estagiário propõe que cada criança desenhe um lugar a onde gostaria de ir. Com recurso à área da pintura com cavalete, o educador estagiário chama duas crianças de cada vez para irem fazer a atividade, enquanto que as outras estarão a brincar nas diversas áreas. 	<p>Humanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> Educador estagiário; Educadora e auxiliar; Crianças. <p>Materiais:</p> <ul style="list-style-type: none"> Livro “Conta – Quilómetros” de Madalena Matoso; Folhas de papel manteiga; Tintas de diversas cores. 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta; Registo fotográfico.
<p>Expressão e Comunicação</p> <p>Artes Visuais</p>	<ul style="list-style-type: none"> (Re)conhecer as diferentes cores; Estimular o gosto pelas artes; Desenvolver a motricidade fina; 			
<p>Domínio da Linguagem oral e Abordagem à Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> Estimular o gosto e o interesse pela leitura e pelo livro; Promover o desenvolvimento da linguagem oral; 			
<p>Conhecimento do mundo</p>	<ul style="list-style-type: none"> (Re)conhecer alguns dos animais que surgem nas ilustrações do livro. 			

Anexo VII – Planificação do projeto “ Eu e os outros”

<p>O que as crianças devem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar colaborativo • Respeitar o outro • Valorização do eu • Desenvolver a autonomia 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades a pares ou em grupo; • Momentos de diálogos e partilha sobre determinado tema; • Motivar para o trabalho através do reforço positivo. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o plano da turma • Conversas informais com a professora • Conhecer os gostos e interesses das crianças 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Manuais; • Quadro; • Projetor; • Fichas de trabalho; • Cadernos diários; • Canetas de filtro; • Lápis de cor;
<h3 style="background-color: #0070C0; color: white; padding: 5px;">Eu e os outros</h3>			
<p>Articulação com outras áreas do saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Português; • Matemática; • Estudo do Meio; • Expressões Artísticas; • Cidadania e Desenvolvimento. 	<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicação de um novo conteúdo; • Realização e correção de exercícios; • Atividades laboratoriais; • Kahoot. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de textos; • Pinturas; • Fichas de trabalho; 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Grelhas de avaliação; • Conversas com a professora sobre as aprendizagens adquiridas

Anexo VIII – Planificação da atividade “Direitos da criança”

Escola Básica de Vale de Santarém		
Estagiário: Lucas Batista Professora Cooperante: Ana Cristina Eleutério		Professora supervisora: Cristina Novo Data: 7 de janeiro de 2020
2.º ano de escolaridade		
	Disciplina e Conteúdos	Objetivos
	<p><u>Cidadania e Desenvolvimento</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Direitos Humanos <ul style="list-style-type: none"> ○ Os direitos das crianças <p><u>Expressões Artísticas – Artes Visuais</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Bloco 2 – Descoberta e Organização progressiva de superfícies <ul style="list-style-type: none"> ○ Desenho de expressão livre 	<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre os direitos da criança; • Desenvolver capacidades de comunicação e de cooperação; • Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões.
Estratégias		
14h00 às 15h30	<p>Os alunos regressam da hora de almoço e sentam-se calmamente e ordenadamente nos seus lugares. Para dar início à aula, o professor estagiário começará inicialmente por ler o livro “Direitos da Criança” de Maria João Carvalho. Terminada a leitura, o professor estagiário coloca algumas questões como: “Gostaram do livro?”; “Lembram-se de que direitos surgem no livro?”; “Sugeriam algum direito que não está se encontra aqui? Qual?”. Ao colocar a questão “lembra-se de que direitos fala o livro?”, o professor deverá ir registando as respostas dos alunos, e complementá-las, de forma a que fique registado no quadro todos os direitos das crianças. Terminada a discussão, serão organizados pares de trabalho e será dado a cada um dos pares um dos direitos das crianças. Será também dado a cada um dos pares dois círculos brancos para que eles desenhem a sua face e será dada uma folha em cartolina branca para que eles ilustrem o direito que lhes calhou. Depois disto, cada par irá colar o seu trabalho numa árvore desenhada em papel de cenário, que foi previamente feita pelo professor, sendo que as faces que desenharam irão representar os frutos dessa árvore e as folhas que estão ilustradas com os direitos das crianças, as folhas da árvore. Quando todos os pares terminarem, um a um irá</p>	

apresentar à turma o direito que estiveram a trabalhar e irão colocar o seu trabalho na árvore.

Recursos		Avaliação
Humanos: <ul style="list-style-type: none">• Professora e estagiários;• Alunos.	Materiais: <ul style="list-style-type: none">• Papel de cenário;• Cartolinas;• Lápis de cor;• Livro “Direitos da criança” de Maria João Carvalho;• Tintas;• Quadro.	<ul style="list-style-type: none">• Observação direta;• Grelha de avaliação.

Anexo IX – Planificação da saída de campo

Escola Básica de Vale de Santarém		
Estagiário: Lucas Batista		Professora supervisora: Cristina Novo
Professora Cooperante: Ana Cristina Eleutério		Data: 9 de janeiro de 2020
2.º ano de escolaridade		
	Disciplina e Conteúdos	Objetivos
	<u>Estudo do Meio</u> <ul style="list-style-type: none"> • À Descoberta de si mesmo <ul style="list-style-type: none"> ○ O passado mais longínquo da criança 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer datas, factos e locais significativos para a história pessoal ou das pessoas que lhe são próximas; • Reconhecer manifestações do património local; • Sensibilizar para a preservação do património local.
Estratégias		
9h00 às 10h30	<p>Os alunos entram na sala, sentam-se nos seus respetivos lugares, abrem os cadernos e escrevem a data, o abecedário e o seu nome completo. Quando todos tiverem terminado, o professor estagiário relembra aos alunos que irão fazer uma visita de campo pela Vila do Vale de Santarém para visitarem algum do Património Local. É importante que o professor estagiário lembre às crianças algumas regras de segurança que deverão ter em conta quando estiverem a passear pelas ruas da vila. Para além disto, será também distribuído pelos alunos uma prancheta com algumas folhas de registo para que eles possam fazer registos e observações conforme vão visitando alguns dos locais de interesse. Com esta saída de campo as crianças irão visitar locais como por exemplo: “A fonte das três bicas”; “A Joanhinha”; “O Pinheiro das Areias”. Uma vez que os alunos realizaram pesquisas sobre o património local, será interessante que os que fizeram uma pesquisa mais completa apresentem os locais à turma, como se fossem guias turísticos. No entanto, o professor estagiário deve complementar essa informação sempre que ache pertinente. É fundamental que se sensibilize as crianças para a importância que esses locais apresentam para a sua Vila e o quão é importante preservá-los.</p>	
	Recursos	Avaliação
	Humanos: <ul style="list-style-type: none"> • Professora estagiários; • Alunos. e Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Folhas de registos; • Lápis; • Borracha. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Grelha de avaliação.

Anexo X – Trabalhos de pesquisa de alguns dos alunos do 2.º ano sobre o património cultural local

Juntamente com a tua família, escreve um pequeno texto onde fales sobre um local, uma lenda ou uma tradição do Vale de Santarém.



Ilustra o teu texto

A Fonte da Joazeirinha
 No Vale de Santarém há
 uma fonte muito bonita.
 Ela tem três bicas por onde
 corre água muito
 boa e fresca.
 Na fonte há um

painel de azulejos que representa a
 Joazeirinha dos olhos verdes, personagem
 do livro "Viagens na minha terra".
 O detalhe a fonte está sempre
 muito linda.

Juntamente com a tua família, escreve um pequeno texto onde fales sobre um local, uma lenda ou uma tradição do Vale de Santarém.



Ilustra o teu texto

Antigamente havia festejos anuais
 em honra da santa padroeira, desde
 1974. Estas festas eram compostas
 por bailes, comissões, cavalinhos,
 onde havia um grande arraial.
 Havia procissão acompanhada de andares
 religiosos, onde à frente era

acompanhada por um padre. Havia as fogueiras que desfilavam
 com os seus fogaços na cabeça, onde a minha mãe e a minha avó
 maternas estiveram anos, a acompanhar esta tradição do Vale de
 Santarém. A minha mãe diz que era uma tradição muito bonita,
 para a nossa terra.

Anexo XI – Planificação do projeto “Aprender online”

<p>O que as crianças devem aprender:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolver a autonomia ▪ Desenvolver competências na área das TIC 	<p>Estratégias a serem desenvolvidas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Atividades individuais; • Momentos de diálogos e partilha sobre determinado tema; • Motivar para o trabalhar através do reforço positivo. 	<p>Como iniciar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer o plano da turma; • Conversas informais com a professora 	<p>Recursos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Plataforma Microsoft Teams; ▪ Kahoot; ▪ Power Point; ▪ Escola Virtual; ▪ Youtube; ▪ Fichas de trabalho;
“Aprender online”			
<p>Articulação com outras áreas do saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Português; • Matemática; • Estudo do Meio; • Expressões Artísticas; • Cidadania e Desenvolvimento. 	<p>Atividades para todo o grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicação de um novo conteúdo; • Realização e correção de exercícios; • Kahoot. 	<p>Atividades individuais:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Leitura de textos; • Pinturas; • Fichas de trabalho; 	<p>Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observação direta; • Conversas com a professora sobre as aprendizagens adquiridas.

Anexo XII – Guião das entrevistas

Blocos	Objetivos	Tópicos Orientadores/Questões para Educadores(as) de Infância/Professores(as)	Observações
<p align="center">Bloco I</p> <p align="center">Legitimação da entrevista e caracterização do entrevistado</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar os objetivos da entrevista; • Solicitar a autorização do entrevistado; • Garantir a confidencialidade e o anonimato; • Caracterizar o entrevistado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Agradecer a disponibilidade; • Garantir a confidencialidade; • Caracterização: <ul style="list-style-type: none"> ○ Idade; ○ Habilitações académicas; ○ Anos de serviço que dispõe; ○ Valência/ano de escolaridade com que trabalha atualmente. 	
<p align="center">Bloco II</p> <p align="center">Como é que os educadores(as)/professores(as) valorizam o trabalho sobre o património cultural</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer as estratégias utilizadas pelos(as) educadores(as)/professores(as) para trabalhar o património cultural; • Perceber qual é o destaque dado pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico para o trabalho com o património cultural 	<ul style="list-style-type: none"> • Costuma desenvolver atividades relacionadas com o património cultural com o seu/sua grupo/turma? Se sim, quais? • Esse trabalho é feito com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Orientações Curriculares definidas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico?; • Considera que as/o Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Programa de Estudo do Meio dão/dá destaque suficiente ao património cultural?; • Costuma trabalhar o património cultural em articulação com as várias áreas disciplinares? 	
<p align="center">Bloco III</p> <p align="center">Importância do património cultural para a aquisição de novas aprendizagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber de que forma é que as aprendizagens ligadas ao património cultural são uma mais valia para as crianças/alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Considera que o contacto com o património cultural possibilita às crianças a aprendizagem de novos conteúdos? 	

<p>Bloco IV</p> <p>Dificuldades sentidas pelos educadores/professores</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as dificuldades sentidas pelos educadores/professores na exploração do património cultural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que dificuldades sente quando trabalha com o seu grupo questões ligadas ao património cultural? • De que forma as ultrapassa? 	
<p>Bloco V</p> <p>Observações</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Para terminar, tem algo que queira acrescentar a esta entrevista? 	

Anexo XIII – Transcrição da entrevista feita à educadora de infância

Transcrição da entrevista		
Blocos	Questões	Educadora
<p>Bloco II</p> <p>Como é que os educadores(as)/professores(as) valorizam o trabalho sobre o património cultural</p>	<p>Costuma desenvolver atividades relacionadas com o património cultural com o seu/sua grupo/turma?</p>	<p>Sim...às vezes! Se formos a ver o património cultural da cidade de Santarém, bem como de todo o país, é um património bastante rico e diversificado. Como tal, considero importante dar a conhecer às crianças um pouco do seu património. Claro que não acho importante que as crianças saibam/decorem o nome dos monumentos porque não é isso que é importante. O que a meu ver importa é que as crianças valorizem e respeitem o património ... Não só o património cultural, mas também o património ambiental, por exemplo. Uma coisa que gosto bastante de fazer é explorar o património e a cultura de outros países quando tenho no grupo crianças de outras nacionalidades. Por exemplo, o ano passado tive no meu grupo uma criança de origem angolana e então decidi explorar com o grupo a cultura angolana. Claro que para conseguir fazer essa exploração tive de conhecer um pouco a cultura. Pedi umas dicas a uma amiga minha que é angolana e então olhe, levei músicas e um instrumento musical que ela me emprestou e acabou por ser bastante divertido. Este tipo de atividades acaba por ser bastante interessante porque permite ao grupo conhecer outro tipo de culturas, que acabam por ser bastante diferentes da sua, e acabam também por promover o respeito e a diversidade.</p>
	<p>Esse trabalho é feito com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Orientações Curriculares definidas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>Sim, claro que sim! Como sabe, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar funcionam como um guião que ajuda a orientar a nossa prática educativa. Como tal, acho bastante importante que todo o trabalho que se desenvolve com as crianças tenha por base estas orientações. Claro que cabe a cada um de nós (educadores) utilizá-las da melhor forma. Por exemplo, e falando aqui um pouco do património, como sabe, as questões ligadas ao património são referidas</p>

		<p>algumas vezes ao longo das Orientações Curriculares. No entanto, não está expresso claramente como é que devemos abordar essas questões. Cabe a cada um de nós interpretar essas orientações e planificar atividades que vão ao seu encontro. Por exemplo, posso levar fotográficas, vídeos posso explorar um livro que até esteja relacionado com património ou a cultura de um determinado país ... posso tentar arranjar um artesão que venha até à nossa sala mostrar o seu ofício. É como eu disse anteriormente, não é importante que as crianças em idade pré-escolar saibam o nome dos monumentos ... o que a meu ver é importante, e vem expresso nas orientações curriculares, é que as crianças conheçam e valorizem o património. O património não são só os monumentos ... a gastronomia é património, os animais que existem em determinadas zonas fazem parte do património, as tradições são património ... até nós próprios somos património.</p>
	<p>Considera que as/o Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Programa de Estudo do Meio dão/dá destaque suficiente ao património cultural?</p>	<p>Sim, eu penso que sim! Como disse antes, as questões ligadas ao património, seja ele cultural, natural ou social, são referidas algumas vezes ao longo das orientações curriculares. Claro que não está expresso que atividades devem ser desenvolvidas para abordarem estas questões. Cabe a cada um de nós (educadores) interpretar e refletir sobre as orientações dadas e planificar atividades que permitam às crianças conhecerem e valorizarem o património.</p>
	<p>Costuma trabalhar o património cultural em articulação com as várias áreas disciplinares?</p>	<p>Como sabe, o património é um tema bastante rico, o que faz com que seja possível trabalhá-lo de forma transversal. Se reparar bem, e se a memória não me falha, as várias áreas de conteúdo fazem referência ao património! À primeira vista provavelmente associamos o tema “património” à área do Conhecimento do Mundo, mas explorar o património vai para além disso ... Ao abordarmos este tema estamos a trabalhar a área de Formação Pessoal e Social, na medida em que</p>

		<p>promovemos o respeito pela diversidade e sensibilizamos para a preservação do património, mas também estamos a trabalhar a área da Expressão e Comunicação. Claro que para conseguirmos fazer esta transversalidade é importante ter bastante criatividade para conseguir planificar atividades que despertem o interesse das crianças! É importante também que nós tenhamos algum conhecimento sobre o património que vamos explorar! Imagine que vai trabalhar para uma determinada zona e que não conhece o património local, mas acha importante explorá-lo com o seu grupo... primeiro tem de possuir esses conhecimentos para depois conseguir planificar atividades que transmitam os conhecimentos que acha importante passar às crianças. Por isso, a meu ver, faz todo o sentido trabalhar o património em articulação com as várias áreas de conteúdo, uma vez que, proporciona às crianças aprendizagens muito mais ricas. Basta queremos que facilmente conseguimos fazer essa articulação.</p>
<p>Bloco III</p> <p>Importância do património cultural para a aquisição de novas aprendizagens</p>	<p>Considera que o contacto com o património cultural possibilita às crianças a aprendizagem de novos conteúdos?</p>	<p>Sim, sem dúvida! Por exemplo, imagine que decide explorar com o seu grupo o quadro de um pintor português, quem diz português diz de outra nacionalidade, pronto ... Para fazer essa exploração tem de começar por perguntar às crianças o que é elas conseguem ver no quadro... Estou a lembrar-me agora, não sei se conhece, aqueles quadros que têm pintadas mesas com diferentes frutas, natureza morta... pode pegar por ai e explorar com as crianças que frutas é que estão representadas no quadro, se conhecem essas frutas, pode até contar com elas quantas frutas estão no quadro, quantas maçãs, quantas peras ... está a perceber a ideia?! A partir de um simples quadro, consegue trabalhar diversas áreas de conteúdo...Cabe é a cada um de nós (educadores) ter a capacidade de pegar em algo tão simples e conseguir criar algo que seja enriquecedor para as crianças. Lá está, se tivermos vontade e interesse conseguimos perfeitamente utilizar o património para proporcionar às crianças aprendizagens únicas.</p>

<p style="text-align: center;">Bloco IV</p> <p>Dificuldades sentidas pelos educadores/professores</p>	<p>Que dificuldades sente quando trabalha com o seu grupo questões ligadas ao património cultural?</p>	<p>Olhe, por exemplo, no meu ponto de vista acho que deveria ter mais formação para conseguir dinamizar mais atividades relacionadas com o património. Às vezes acabo por repetir alguns atividades, em anos diferentes, porque não tenho outro tipo de ideias... e como no ano anterior a atividade até correu bem e as crianças gostaram, então é algo seguro. Às vezes tento pesquisar atividades relacionadas com o tema para retirar algumas sugestões, mas a verdade é que a informação que existe é muito pouca. Depois, também acho que existe pouca disponibilidade por parte de algumas instituições ... Não sei se já reparou, mas existem monumentos aqui em Santarém que praticamente estão sempre fechados ... isso também acaba por ser um entrave. Às vezes quando vamos passear com as crianças aqui pela cidade e até podemos ter vontade de entrar dentro de um monumento com as crianças para elas verem e quando vai a ver dá com a cara na porta. Santarém é a capital do Gótico, tem monumentos fantásticos, azulejos, vistas únicas ... mas parece que ninguém sabe aproveitar o que de bom existe na região. Atenção, isto é o meu ponto de vista!</p>
	<p>De que forma as ultrapassa?</p>	<p>Acho que uma forma de conseguir ultrapassar essas dificuldades é fazer pesquisas, ler ... querer saber sempre um pouco mais. Isso é fundamental na nossa profissão! Não podemos, nem devemos, achar que já sabemos tudo. Não falo apenas sobre o património! Isto aplica-se a tudo! Acho que também é importante saber e conseguir integrar os pais, os avós, a comunidade porque eles também acabam por ser o reflexo do património. É como eu digo, o património não é constituído apenas pelos monumentos, o património é praticamente tudo o que está à nossa volta e cabe a nós (educadores), ter um papel ativo na sua valorização de forma a que as crianças conheçam as suas raízes e as suas tradições. Se for a ver existem muitas tradições que se vão perdendo no tempo porque cada vez mais os jovens não se interessam por elas.</p>

Anexo XIV – Transcrição da entrevista feita à professora

Transcrição da entrevista		
Blocos	Questões	Professora
<p>Bloco II</p> <p>Como é que os educadores(as)/professores(as) valorizam o trabalho sobre o património cultural</p>	<p>Costuma desenvolver atividades relacionadas com o património cultural com o seu/sua grupo/turma? Se sim, quais?</p>	<p>Depende ... costume, costume desenvolver algumas. O património cultural é muito vasto. Na verdade, nestes dois anos em que estou a dar aulas em Santarém, talvez porque o património cultural não vá de encontro ao meu gosto pessoal, por minha culpa, então não tenho trabalhado muito especificamente o património cultural da localidade. Com meninos pequenos é muito importante, mesmo em termos de divulgação e apropriação que eles conheçam bem a sua região. Mas confesso que ficou muito pela “rama” até porque na altura não conhecia muito bem o património cultural aqui da região. Agora já conheço melhor. Mas sou da opinião de que quando não estamos à vontade para abordar determinados tipos de assuntos com as crianças não o devemos fazer. Sabemos ou não sabemos. Mas sim, acho que é muito importante. O património cultural é muito vasto. A língua também é património cultural ... a Língua Portuguesa, não é?! Há também o património físico, os monumentos e não só. Tens também o património social, os modos de vida, por exemplo, das populações e as suas evoluções. Não é que não se deva começar cedo, mas é como eu digo. Também fui um bocado condicionada por estar aqui há pouco tempo e por isso quis apropriar-me das coisas para falar com propriedade sobre elas. Acho que é muito importante, até porque ao falarmos de património é muito transversal e podemos relacionar o património com a matemática, o português, a expressão artística ... Se bem que eu fujo um bocadinho ao património material porque é um bocado mais objetivo porque tens fotografias, vídeos ou até mesmo panfletos. Às vezes gosto mais abordar o património imaterial porque tem menos visibilidade. Olha por exemplo, a gastronomia do Ribatejo que é tão rica e tão pouco conhecida. Nós que vivemos com os</p>

		<p>olhos virados para o Tejo e a maior parte das crianças não sabe quais são os peixes do rio, por exemplo. Não sabem! Falarem dos peixes que existem no rio também faz parte do património ...</p>
	<p>Esse trabalho é feito com base nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Orientações Curriculares definidas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico?</p>	<p>Quer dizer é preciso ter um “esqueleto” não é?! Mas o património, se nós olharmos para o currículos em termos de exploração de património é sempre um dos parentes pobres do currículo. Portanto, a orientação que vem expressa nos manuais, por exemplo, os manuais que os alunos têm ou no currículo nacional é muito fraco em termos de informação. Tens aquilo como guia, mas depois tens de enriquecer e aprofundar se não fica tudo muito pela superfície. A educação para o património não diz respeito apenas a fazer um reconhecimento dos monumentos e dizer qual é o estilo. Isso está lá à entrada da igreja e pronto não precisamos de estar a falar sobre isso. Claro que essa informação é importante, mas é obvio que é importante aprofundar. Se propões um trabalho sobre o património aos teus alunos, e até podes seguir o método científico em que partes de uma hipótese e pedes aos alunos que façam entrevistas aos mais velhos. Eu gosto de trabalhar a entrevista com os mais velhos. Portanto, as crianças procuram as pessoas mais velhas da sua zona ou da família e tentam obter informação. É bom porque eles interagem com outras gerações. Olha, houve uma vez, quando eu dava aulas em Almada, abordei o tema do património durante um período inteiro. Partíamos sempre do património ali daquela região e depois trabalhávamos todas as áreas curriculares. Por exemplo, as nossas aulas de português eram dadas por panfletos que eles traziam do museu da cidade ou da biblioteca municipal. Houve um aluno meu que até falou sobre um restaurante que lá existia e que era muito antigo e pediu aos pais para ir falar com as pessoas que lá trabalhavam para entrevistá-las. Os miúdos andavam entusiasmadíssimos aos fins de semana e arrastavam os pais para irem entrevistar</p>

		<p>as pessoas. Mas olha, depende muito da zona onde estás a trabalhar porque há zonas muito ricas em património cultural e permite-te fazer “n” trabalhos com os alunos e acaba por ser engraçado porque há miúdos que até são desinteressados mas depois com este tipo de atividades ficavam bastantes entusiasmados. Claro que é preciso orientar o trabalho e a recolha de informação porque depois é preciso selecionar a informação e ver o que é que é válido e se está repetida ou não.</p>
	<p>Considera que as/o Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar/ Programa de Estudo do Meio dão/dá destaque suficiente ao património cultural?;</p>	<p>Não! Não dá! Por exemplo, no programa do 1.º e 2.º ano, salvo uma página ou outra, há uma referência aqui ou acolá em relação ao património local, mas em termos de currículo não refere um tipo de património específico. No 3.º e 4.º ano surge mais a temática do património, como por exemplo conhecer o hino, conhecer alguns trajes típicos portugueses ... mas aquilo cai de paraquedas ali no livro e os miúdos nem ficam bem a perceber o que aquilo é. Porque repara, não basta pegar em trajes típicos e em alguns pratos típicos para se ficar a conhecer o património cultural português ... não, não chega! O Programa de Estudo do Meio é bastante pobre em termos de património. Para mim, o Estudo do Meio sempre foi o “parente pobre” da educação porque cada vez mais se dá destaque ao português e à matemática. Se fores a ver o currículo de português e de matemática já foi alterado diversas vezes. Já o programa de Estudo do Meio ninguém ainda foi capaz de fazer alterações e isso mexe em várias coisas, como por exemplo, o fraco apoio que se dá à ciência e a toda a parte social que está relacionada com o Estudo do Meio, e como são “matérias” subjetivas ninguém tem interesse em mexer.</p>
		<p>Como te disse, o património cultural é riquíssimo vastíssimo. Com algum interesse e com alguma facilidade, nós conseguimos fazer a transversalidade entre as várias áreas curriculares. Mas isto é tudo muito condicionado também</p>

	<p>Costuma trabalhar o património cultural em articulação com as várias áreas disciplinares?</p>	<p>porque depende muito da nossa forma de ser enquanto professores e de sabermos interagir. Num determinado ano podemos ter uma atitude noutra anos podemos até ter outra. E isso depende muito com a turma com que trabalhas e com a interação que existe também entre a escola e a comunidade em que está inserida. Claro que também é fundamental que a região em que estás a trabalhar tenha um património riquíssimo porque isso vai captar a tua atenção e dá-te vontade de explorá-lo com os teus alunos. Nós (professores) se quisermos podemos arranjar sempre alguma coisa. Eu gosto de pegar no património porque eu olho em redor e tudo é património. Claro que podemos ser mais específicos. Tudo o que está para trás de nós, desde a família, os ascendentes, o sítio de onde vimos, tudo isso é património no sentido em que condiciona a nossa forma de ser e de interagir. Por isso, nós também somos património.</p>
<p>Bloco III</p> <p>Importância do património cultural para a aquisição de novas aprendizagens</p>	<p>Considera que o contacto com o património cultural possibilita às crianças a aprendizagem de novos conteúdos?</p>	<p>Sim, por exemplo quando abordaste os monumentos da cidade de Santarém na aula que deste quando estiveste a estagiar ao falares dos monumentos podias falar também sobre os tipos de rochas e isso é um novo conteúdo. Embora não seja um conteúdo de 2.º ano, mas sim de 3.º ano, é possível abordá-lo com os alunos e isso acaba por ser uma mais valia. Por exemplo, também quando falamos dos trajes típicos também é possível falar sobre a indústria, ou seja, que processos sofreu o linho até se transformar no traje. Até se pode falar do impacto ambiental que a indústria pode ter. Por isso, acaba por ser bastante importante. Claro que para fazermos todo este trabalho é preciso trabalhar o património da melhor forma, não basta dizer “da boca para fora”. Como te disse antes, eu este ano não dei muita atenção porque as condições que havia eram poucas e as minhas motivações eram outras. Mas quando se trabalha com seriedade e com afinco tudo é possível.</p>

<p style="text-align: center;">Bloco IV</p> <p>Dificuldades sentidas pelos educadores/professores</p>	<p>Que dificuldades sente quando trabalha com o seu grupo questões ligadas ao património cultural?</p>	<p>Olha, às vezes existe pouca disponibilidade/resposta por parte das instituições. Por exemplo, estás a trabalhar os monumentos e vais a ver e os monumentos estão quase sempre fechados. No meu ponto de vista pessoal, o maior obstáculo que existe é que quando pedes ajuda às instituições e acabam por ser pouco acessíveis e dão pouco interesse. É bom quando os alunos entram num mosteiro e têm a oportunidade de verem, tocarem nas paredes, sentarem-se a observar. Mas, se não te abrirem aquilo ou disserem que está aberto de tantas horas a tantas horas e que acaba por ser uma hora que não vai dar para ti, quer dizer, não adianta. Tem de haver flexibilidade por parte das instituições. Queres levar os alunos ao teatro, mas se os bilhetes forem muito caros acabam por não ir. O custo é muito importante. Queres pegar na tua turma e ires fazer uma visita para ir a algum lugar e se for preciso pagas 500 euros ou mais pelo autocarro, depende. Depois tem de se dividir pelos alunos e acaba por encarecer ainda mais a visita. Tudo isto são entraves. Depois tens a questão da pouca valorização que hoje em dia se dá ao património. Muita gente, hoje em dia, olha para os monumentos como um monte de pedras que está ali. É preciso também mudar essas mentalidades. Mas o património como te disse não é só os monumentos. Olha aqui em Santarém que tens fontes, “escadinhas”, azulejos Coisas riquíssimas e que se perdem muito porque há falta de articulação, há a questão da acessibilidade e o custo que também é elevado.</p>
	<p>De que forma as ultrapassa?</p>	<p>Para já, a primeira estratégia que te posso dizer é nunca baixar os braços! Quando se quer muito uma coisa temos de lutar e insistir. Depois é preciso ter alternativas. Se não podes levar os teus alunos a visitar elementos do património material podes sempre levar fotografias, vídeos, panfletos. Podes também tentar articular com a Câmara Municipal a vinda de um técnico à escola e ajudar-te na exploração do património.</p>

		<p>É também importante pedir a ajuda dos pais e das famílias, porque tens sempre alguém que conhece alguém que anda no racho, por exemplo, e que se calhar até podem vir à escola mostrar aos alunos os trajes e os cantares. Com vontade tudo se consegue! Claro que a mentalidade das pessoas podem ser um entrave e cabe a nós desconstruir essas mentalidades e fazer com que as pessoas aceitem as nossas propostas. Se explicares aos pais que é importante que o aluno vá à visita de estudo ou que é interessante que façam uma entrevista a alguém mais velho ,de outra geração, os pais acabam por perceber e acabam por se envolver nos projetos e conseguem produzir coisas fantásticas com a colaboração de todos.</p>
--	--	---

Anexo XV – Inquéritos por questionário

Educar para o Património: As conceções dos educadores de infância e dos professores do 1.º ciclo do ensino básico sobre a educação patrimonial.

O presente questionário enquadra-se no âmbito do relatório final de estágio, a ser apresentado à Escola Superior de Educação de Santarém para a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e tem como objetivos compreender qual o ênfase dado ao Património Cultural na educação pré-escolar e no 1.ºCEB; perceber quais as estratégias utilizadas pelos(as) educadores(as)/professores(as) para explorarem o Património Cultural com as/os crianças/alunos; perceber quais as dificuldades sentidas pelos(as) educadores(as)/professores(as) quando abordam temáticas ligadas ao Património Cultural. Obrigado pela sua colaboração!

*Obrigatório

1. Género *

Marcar apenas uma oval.

- Masculino
 Feminino

2. Selecione uma das opções *

Marcar apenas uma oval.

- Educador(a) de infância
 Professor(a) de 1.º Ciclo

3. Anos de serviço que dispõe? *

14/11/2020

Educar para o Património: A importância da educação patrimonial na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico

4. Grupo/ano de escolaridade com que trabalha atualmente? *

5. 1- Costuma desenvolver atividades relacionadas com o património cultural com o seu/sua grupo/turma? *

Se responder "não" avance para a pergunta 5.

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

6. 2- Esse trabalho é feito com base nas orientações curriculares definidas para a Educação Pré-Escolar/ 1.º ciclo do ensino básico ?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

7. 3- Trabalha o património cultural em articulação com as várias áreas disciplinares?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

8. 4- De que forma é que costuma abordar o património cultural com o seu grupo/turma?

Marcar tudo o que for aplicável.

- Visitas de Estudo
 Livros
 Filmes
 Fotografias
 Trabalhos de pesquisa

Outra: _____

9. 5- Considera que o contacto com o património cultural possibilita às crianças a aprendizagem de novos conteúdos? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

10. 6- Considera que as orientações curriculares definidas para a Educação Pré-Escolar/ 1.º Ciclo dão destaque ao património cultural? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

11. 7- Que dificuldades sente ao trabalhar com o seu grupo/turma questões ligadas ao património cultural? *

Marcar tudo o que for aplicável.

- Falta de tempo
 Falta de Formação
 Pouca disponibilidade das instituições
 Preço elevado para aceder a monumentos, espetáculos, entre outros

Outra: _____

12. 8- Outras questões que ache pertinente colocar.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários